

APARECIDA MARIA BATTISTI DE ABREU

**EFEITOS DA AUSÊNCIA DE PADRÕES NA
REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE PRODUTOS DO
VESTUÁRIO SOBRE A CRIAÇÃO DE SEUS PROTÓTIPOS**

FLORIANÓPOLIS, SC

2005

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

APARECIDA MARIA BATTISTI DE ABREU

**EFEITOS DA AUSÊNCIA DE PADRÕES NA
REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE PRODUTOS DO
VESTUÁRIO SOBRE A CRIAÇÃO DE SEUS PROTÓTIPOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientadora: Prof^a Silvana Bernardes Rosa, Dr^a

FLORIANÓPOLIS, SC

2005

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

EFEITOS DA AUSÊNCIA DE PADRÕES NA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE PRODUTOS DO VESTUÁRIO SOBRE A CRIAÇÃO DE SEUS PROTÓTIPOS

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a
obtenção do grau de Mestre em Engenharia de
Produção no Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção da
Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis (SC), 30 de junho de 2005.

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.
Coordenador do Programa

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Silvana Bernardes Rosa, Dr^a
Universidade do Estado de Santa Catarina
Orientadora

Prof^a Sandra Regina Ramalho e Oliveira, Dr^a
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof^a Monique Vandresen, Dr^a
Universidade do Estado de Santa Catarina

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Dedico este trabalho a Ana Sperandio Battisti, minha mãe, pelo exemplo de vida.

Que Deus a proteja sempre!

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar o meu profundo reconhecimento aos que contribuíram para a valorização deste trabalho. Na impossibilidade de referir todas as colaborações, quero registrar um especial agradecimento aos que quiseram dar testemunho da sua amizade, prontificando-se a criticar certas partes do trabalho e apresentando algumas sugestões de valor inestimável.

À Universidade do Estado de Santa Catarina, pela oportunidade de capacitação que me proporcionou.

Aos meus colegas do Departamento de Moda que garantiram o meu afastamento das atividades acadêmicas, para fins de mestrado.

À grande amiga Icléia, sem a presença e a interferência dela na minha vida, eu não teria conseguido ir em frente.

À Silvana Bernardes Rosa que me apresentou e destacou o tema.

Às professoras, membros da Banca Examinadora que atentamente leram e pontuaram as correções, para melhoria do trabalho.

À Marlene pelas contribuições na revisão e correção do texto, trabalho primoroso e cuidadoso.

Aos alunos, razão de ser do ensino e meu estímulo permanente.

Aos meus pais, Artur (in memoriam) e Ana que com suas profissões, alfaiate e professora, despertaram e estimularam em mim o interesse e dedicação por estas profissões.

Aos meus filhos, Mariana, Juliana, João Paulo e Leonardo, por serem como são, belos em tudo, obrigado por existirem para mim. Agradeço todo dia a graça de os ter comigo. E, ainda a Júnior e Leandro por fazerem parte desta família, tornando-a mais bela.

Finalmente e em especial, a Pedro Paulo de Abreu (Pepedo), em seu importante papel na minha vida, por termos seguido em frente num momento difícil que quis atrapalhar e estamos vencendo.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

RESUMO

Neste estudo verifica-se a adequação da proposta de representação gráfica usada para execução de protótipos de produtos do vestuário, adotada no Curso de Moda da UDESC. A partir da análise bibliográfica e documental, levantam-se as competências essenciais à representação gráfica de produtos do vestuário. Utilizam-se recursos da pesquisa exploratória, identificam-se as técnicas repassadas aos alunos para representar graficamente os produtos do vestuário. Investigam-se então os meios utilizados pelos alunos, para confeccionar os protótipos de tais produtos. Concluiu-se que as diferenças entre a representação gráfica e o protótipo, desenvolvido no laboratório de confecções, são decorrentes do fato de as competências essenciais à representação gráfica de produtos não serem tratadas de modo sistemático e padronizado no âmbito das disciplinas do curso, de maneira que pudessem vir a atender a lógica da cadeia produtiva da indústria da moda.

Palavras chaves: **Desenho, Protótipo; Vestuário**

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

ABSTRACT

In this study the adequacy of the graphical representation's proposal used for the execution of clothing product's prototypes adopted in the Fashion Course at UDESC was verified. Beginning from the bibliographical and documental analysis, the essential competences for the graphical representation of clothing products were collected. Resources of exploratory research were used, the techniques provided to students to represent graphically the clothing products were identified. Then, the means used by the students to create the prototypes of such products were investigated. The conclusion was that the differences between the graphical representations and the prototype developed in the manufacturer laboratory were resulting from the fact the essential competences for the graphical representation of products were not treated in a systematic and standardized form, in the scope of the course disciplines, in a way that they could live it up to the logic of the productive chain of the fashion industry.

Key words: Drawing, Prototype, Clothing

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fluxograma do processo produtivo de confecção do vestuário	28
Figura 2 - Proporções da figura humana na moda	35
Figura 3– Tipos de linhas para representação gráfica de produtos	38
Figura 4– Linhas usadas no desenho técnico de produtos do vestuário.....	40
Figura 5 – Silhuetas da roupa	42
Figura 6 – Formas da roupa com base na interpretação da silhueta	43
Figura 7– Representação gráfica de uma camisa social masculina.....	44
Figura 8– Representação gráfica de camisa modelada feminina.....	46
Figura 9– Representação gráfica de pences e decote	47
Figura 10 - Representação gráfica de paletó com fechamento em zíper	48
Figura 11 – Representação gráfica de paletó com abotoamento.....	49
Figura 12 - Representação gráfica de paletó com acabamento em cores	50
Figura 13 – Representação gráfica de vestido.....	51
Figura 14 – Representação gráfica de variações de decotes	52
Figura 15– Representação gráfica de variações de golas	53
Figura 16 - Representação gráfica de saia	54
Figura 17 – Representação gráfica de calças	55
Figura 18 – Representação gráfica do sistema de fechamento de saias e calças ...	56
Figura 19 – Representação gráfica de revel	57

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Disciplinas que capacitam para o processo produtivo de criação.....	63
Tabela 2 – Critérios para avaliação de representações gráficas do vestuário	70
Tabela 3– Avaliação da representação gráfica de produtos do vestuário.....	74
Tabela 4 – Matriz Referencial	75

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

SUMÁRIO

RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	VIII
LISTA DE TABELAS	IX
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	11
1.1 Contextualização do Tema	11
1.2 Definição do Problema	19
1.3 Objetivos.....	20
1.3.1 Objetivo Geral:	20
1.3.2 Objetivos Específicos:.....	20
1.4 Justificativa e Relevância do Estudo	20
1.5 Delimitação da Pesquisa	22
1.6 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO	22
CAPÍTULO II - REFERENCIAL TEÓRICO	24
2.1 Processos produtivos de moda vestuário	26
2.2 Formas de representação gráfica.....	32
2.2.1 Desenho artístico de moda	33
2.2.2 Desenho técnico e sua aplicação na moda.....	37
2.2.3 Representação gráfica de produtos do vestuário.....	43
2.3 COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS À PRODUÇÃO DE VESTUÁRIO	58
2.3.1 O Curso de Moda com Habilitação em Estilismo da UDESC.....	60
CAPÍTULO III - MATERIAL E MÉTODO	67
3.1 Caracterização da Pesquisa.....	67
3.2 Amostra	67
3.3 Justificativa da amostra	68
3.4 Procedimentos metodológicos.....	68
3.5 Limitações da pesquisa	71
CAPÍTULO IV - RESULTADOS DA PESQUISA	72
Análise e discussão.....	72
4.1 A representação gráfica na disciplina de Desenho de Moda II.....	72
4.2 Desenvolvimento de protótipos de produtos do vestuário	80
CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
5.1 Considerações.....	82
5.2 Sugestões.....	85
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXO 1 – FICHA TÉCNICA	90
ANEXO 2 - EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS DO CURSO	93

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Acredita-se, com base em estudos e pesquisas – e, principalmente porque toda a produção humana da Pré-História só pode ser reconstituída através de desenhos, pinturas, instrumentos, armas, e outros fragmentos - que das formas de vida do planeta, somente a espécie humana tenha desenvolvido habilidades e mecanismos para suprir suas necessidades básicas, criando objetos e artefatos que ampliam seu poder e capacidade de sobrevivência. Uma de suas necessidades imediatas foi a criação de objetos para cobrir o corpo, protegendo-o das asperezas do ambiente, dos rigores do frio e do calor (EMBRACHER, 1999).

Os relatos sobre as imagens históricas levam à crença de que, inicialmente, o homem primitivo não tinha preocupação com a estética, nem tampouco com sua nudez. Cobria o corpo com a pele dos animais que abatia, para consumir a carne. Em algumas regiões usava-se essa pele sobre o corpo todo, inclusive sobre os pés, ou apenas sobre os genitais, provavelmente buscando conforto para realizar as atividades diárias de subir em árvores, caçar, correr por locais de mata fechada (LAVER, 1996).

Mas, é provável que a partir de um determinado momento, esse homem tenha começado a dar alguma importância às peles que usaria sobre o corpo, observando aspectos de beleza, de funcionalidade – liberdade de movimentos e destreza para caçar - e de atração que despertaria nas fêmeas. Isso certamente fez emergir nessas comunidades primitivas, um princípio, ainda que rústico, de preocupação com a estética, pudor e distinção de classes, como argumentam alguns autores, fazendo crer que a moda já teria surgido nesse período e nessas populações, pois ele

tinha frio e cobria-se, não há dúvida. Mas também não há dúvida que no espaço de poucos dias depois da invenção do primeiro traio de peles, se

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

terá criado a distinção entre os bons caçadores, munidos das suas peles, conquistadas pelo preço de uma dura luta, e os outros, os inaptos, os sem-peles. E não é precisa muita imaginação para imaginar a circunstância social em que os caçadores terão envergado as peles, já não para proteger-se do frio, mas para afirmar que pertenciam à classe dominante (ECO,1989, p.15).

O desconforto causado pelo uso de peles, que ressecavam em consequência das intempéries, fizeram com que o homem primitivo buscasse na natureza outros materiais para cobrir o corpo.

Webster (1997) afirma que foi através do manuseio diário das fontes de alimentação que ele percebeu a estrutura das fibras e dos tecidos naturais que envolvem as plantas e os animais e isso o conduziu a reproduzir o mesmo processo, usando cascas de árvores, cipós, pêlos e outros elementos da natureza, dando origem à tecelagem.

Na Antiguidade Clássica, a nudez do corpo não era considerada vergonhosa para os gregos e sua vestimenta compunha-se de retângulos de tecidos drapeados sobre o corpo, sem cortes ou costuras. Somente a forma de drapear variava de acordo com a classe social ou a ocasião em que a peça estava sendo usada, independente de seu usuário ser homem ou mulher.

Nos períodos subseqüentes, as formas da roupa não variaram muito, para os diferentes povos e isso fez com que o início da moda se desse na Europa Medieval Cristã, por volta do Século XV, na Corte de Borgonha; estava diretamente vinculada ao caráter das mudanças ocorridas no vestuário e liderada pelo gênero masculino: era o homem quem ditava a moda.

À medida que as monarquias centralizadas puseram fim ao feudalismo e se formaram as nobrezas de corte na Europa, apareceu todo um código de regulamentação do vestuário, destinado a privatizar, para os poderosos, o uso de certas cores e o emprego dos tecidos e matérias-primas mais raros.

O desenvolvimento das cidades e a organização da vida nas cortes permitiram a aproximação das pessoas nos centros urbanos, fazendo aumentar o desejo de imitação das roupas dos nobres pelos burgueses, enriquecidos pelo comércio. Os nobres variavam suas roupas para diferenciarem-se dos burgueses. Enquanto os burgueses os imitavam, os nobres inventavam algo novo.

A Revolução Francesa, em 1789, determinou a abolição dos privilégios das classes mais abastadas, derrubando as Leis Suntuárias que garantiam direitos de exclusividade em matéria de roupa (WILSON, 1985).

Após a Revolução Francesa, a burguesia que assumiu o poder político e econômico pautou seus ideais de riqueza nos negócios conquistados pelo trabalho. Isso contribuiu para a simplificação das roupas masculinas, inclusive, algumas restrições foram “impostas” para a vestimenta do homem a fim de apagar a imagem da antiga nobreza. Enquanto o homem de negócios se vestia de forma austera, para liderar seus negócios, adornava sua esposa e bens que possuía com os elementos que seu poder aquisitivo adquiria. Nesse período, a vestimenta em nível mundial se compunha de uma infinidade de indumentárias típicas, artesanalmente cosidas segundo padrões de gosto e de uso local. Elas eram localizadas no interior da Europa, na África, na Ásia e nas Américas. As técnicas de tecelagem e confecção, os padrões de gosto e as condições de uso da roupa variavam pouco ao longo do tempo.

Desta maneira, a partir do século XIX, o vestuário feminino tornou-se rebuscado e distanciou-se, definitivamente, do masculino. Também houve a diferenciação dos tecidos utilizados para as vestimentas masculinas e femininas. Já era possível notar um sistema de vestuário infiltrando-se e impondo-se aos demais. Era a roupa européia, ou seja, os trajes das classes dominantes da Europa, responsáveis pela colonização de boa parte do mundo. Ora tomando o lugar dos vestuários locais, ora incorporando elementos de seus repertórios, a roupa européia alastrou-se pelo planeta (DU ROSSELE, 1980).

Nesse período ainda, as pessoas que compunham a grande massa populacional não precisavam de muita roupa: bastava-lhes algumas peças para o trabalho e um ou dois trajes melhores para ocasiões especiais. Até mesmo quem exercia atividade intelectual fora de casa, tinha pouca roupa para o trabalho, geralmente discreta, mais parecendo um uniforme.

O surgimento dos têxteis e a sua produção em grande escala, diversificaram as formas de criar a roupa que, além de vestir o corpo, passou a assumir outras funções. Este corpo, por sua vez, no transitar de valores objetivos e subjetivos passou a reconfigurar-se como um suporte sensível e a articular-se com outros códigos, processando inúmeros significantes, evidenciando novas relações sociais e

valores socialmente construídos e recriados pela manipulação humana (PROST, 1995).

Assim, foi na sociedade democrática do século XIX que surgiram necessidades mais complexas de distinção -- tornando a moda mais evidente e disseminada por todas as classes sociais, inclusive, passando a atender às necessidades de afirmação pessoal dos membros de um grupo; a expressar idéias e sentimentos – fazendo com que a roupa e o corpo continuassem a receber influência e a ser moldados em função da cultura dominante e do momento (NERY, 2003).

Por conta disso, aumentou o número de profissões e novas tecnologias foram criadas e a roupa passou a ser um produto, dentro do setor do vestuário que agrega um valor: a moda.

A área de moda, vista como indústria altamente rentável é muito recente. Dada a sua efemeridade, entre outras questões, até pouco tempo atrás, o produto de moda era feito empiricamente: qualquer costureira, ou dona de casa era estimulada a confeccionar o vestuário da família e da casa. A costura era parte integrante do mundo feminino e considerada uma das mais úteis e agradáveis ocupações (PICKEN,1957).

A produtora das máquinas de costura Singer, por exemplo, durante muitos anos estimulou e induziu comportamentos na população, propalando as virtudes da boa esposa e mãe, enfim, da mulher perfeita, como sendo aquela que cosia as roupas para a família. Num de seus anúncios, a chamada “máquina da mãe” era simbolizada por uma letra “S” enrolada em uma mulher (Jornal O Estado,1959, p.3).

A roupa dos segmentos mais abastados era feita por artesãs ou alfaiates muito hábeis; mas eles eram simples executantes, conformados em satisfazer as idéias ou preferências de sua clientela, sem opinar.

Com o tempo a situação mudou, desencadeando a Alta Costura que em seu sentido mais preciso e antigo, pode ser entendida como “artesanato de luxo”, que produzia “modelos únicos sob encomenda”. Nesse processo o estilista criava uma série de roupas inéditas que eram apresentadas em desfile, em seu próprio ateliê, para clientes, especialmente convidadas que, posteriormente, faziam a encomenda do que lhes interessava e o estilista então, confeccionava sob medida (DURAND, 1988, p. 35).

Charles Frédéric Worth, segundo Vincent-Ricard (1989), foi responsável pelo

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Para regulamentar a atividade desse grupo de criadores, foi instalada a *Chambre Syndicale de la Haute-Couture Parisienne* - Câmara Sindical da Alta-Costura Parisiense – que estabelecia regras como: quantidade mínima de empregados no ateliê, qualidade no artesanato, nobreza de materiais, mão-de-obra qualificada e quantidade mínima de peças confeccionadas por coleções.

Desta forma, somente em Paris e quem pertencia a *Chambre Syndicale de la Couture Parisienne* confeccionava os trajes da alta costura. Quem não integrava o clube e produzia trajes de luxo, ou de festa sob-medida, em diversas localidades do mundo, confeccionava produtos denominados *prêt-à-porter* de luxo, ou uma moda inspirada na *couture*.

A Segunda Guerra e as inúmeras dificuldades encontradas em todos os setores, deram origem ao *prêt-à-porter* - pronto para vestir -, na França, em 1949 e, até o fim dos anos cinquenta ele não passava de uma tentativa de barateamento, pela produção em série, de vestidos concebidos na esfera da alta costura.

O mesmo aconteceu nos Estados Unidos, com o *ready-to-wear*, surgido após a crise de 1929, em função dos impostos elevados taxados sobre as roupas importadas da França e a permissão de importação apenas de telas e moldes. Essa restrição levou ao desenvolvimento de uma técnica de reprodução que simplificava a estrutura dos modelos o que permitia reproduzir em diferentes tamanhos. Somava-se a isso o progresso dos materiais sintéticos que permitiam substituir os tecidos usados pela alta costura, por tecidos semelhantes e de menor custo, o que conseqüentemente, barateava o custo das roupas (VINCENT-RICARD, 1989).

Dentro do processo de difusão da moda, várias casas de alta costura deram origem a diferentes versões do *prêt-à-porter* que coexistem, inclusive nos dias atuais: 1) *prêt-à-porter* de luxo, roupa feita em série, de forma artesanal, no máximo semi-artesanal -- algumas centenas de unidades para cada modelo e tamanho -- por uma casa de renome internacional que concebia, assinava, confeccionava e vendia, diretamente, em suas butiques ou fornecia a butiques de luxo. 2) *Prêt-à-porter* “desfilado duas vezes ao ano” – primavera-verão e outono-inverno – possibilitava a fabricação industrial. A casa de alta costura concebia, assinava, produzia os modelos dos desfiles que podiam ser feitos de forma artesanal ou semi-artesanal e, vendia a idéia da coleção para as indústrias que confeccionavam em grande escala. Ou vendiam a cadeias de lojas que subcontratavam a confecção. 3) *Prêt-à-porter*

casa de alta costura. Nesse caso, a partir de um contrato escrito, a casa de alta costura colocava um estilista ou uma de suas células de criação a serviço da indústria associada, a fim de desenvolver novos produtos ou nova coleção. Como autora da idéia, a casa de alta costura recebia um percentual sobre cada unidade vendida. 4) *Prêt-à-porter* com a etiqueta de uma casa de alta costura, resultante de uma “autorização para uso do nome”. Neste tipo de acordo, a casa de alta costura verificava que a roupa desenhada e confeccionada por terceiros, correspondia, em termos de qualidade e de afinidade estilística, ao prestígio de sua etiqueta, então concordava com o uso de seu nome, em troca de um percentual, significativo, nas vendas (DURAND, 1988).

Quando a indústria capitalista concentrou grandes massas “despossuídas” nas cidades da Europa do século XIX, houve condição para expandir a indústria de confecções, uma vez que era preciso vestir os operários e, para isso aproveitou-se a experiência das fábricas de fardamento militar, na produção de trajes destinados ao uso diário dos consumidores. Essa produção baseava-se no *casual wear* -- estilo casual nascido na Califórnia, EUA – e, destacava-se pela vantagem dos modelos simples aliarem estética e conforto. Era permitido ao consumidor final o uso das peças em separado ou em conjunto, inclusive, sua fabricação adaptava-se à realidade da produção em série, ou seja, as séries em grande escala, recebiam adaptações na estética e nas operações para racionalizar sua produção, sem perder qualidade (VINCENT-RICARD, 1989).

O aumento populacional, a necessidade de expansão do capital e as novas tecnologias, usadas pela mídia para criar necessidades no consumidor, levaram ao consumo desenfreado das novidades que a moda apresenta e disponibiliza -- através da produção em massa -- a todos e a cada um em particular. Esse jogo do individual e da massificação é que induz o indivíduo, até os dias atuais, à crença de que tem necessidades e as quer satisfazer com produtos personalizados.

Do exposto, percebe-se que com o desenvolvimento tecnológico, raramente, quem cria e costura para a família, é a dona de casa. A função foi delegada a pessoas totalmente desconhecidas, fechadas em escritórios de empresas, ou mesmo, salas de chão de fábrica. São pessoas que estudam o comportamento do mercado, para conhecer as suas necessidades, assim como a dona de casa conhecia as de seus familiares: seus gostos, suas fraquezas, suas emoções e

Assim, tanto na alta costura, no *prêt-à-porter* ou na produção em massa, as inovações fazem parte da evolução dos produtos, desencadeada pelos avanços oriundos da Revolução Industrial. Constantemente as matérias-primas, aviamentos, máquinas e equipamentos passam por mudanças que modificam a forma de produção dos artigos, inclusive, os hábitos de consumo. Muitos aspectos que envolvem os produtos são manipulados por quem possui capacidade de influenciar as massas, especialmente, as diversas formas de mídia.

Esses fatos fizeram com que o setor do vestuário se reestruturasse para atender essa nova demanda. As alterações mais sensíveis foram nas grandes empresas, onde o processo de verticalização da produção desapareceu, dando lugar a uma linearidade horizontal, ou seja, a indústria que produzia desde o fio até a peça de roupa pronta, cedeu lugar a uma estrutura que terceiriza serviços, que compra o tecido pronto para tingir e o manda para as lavanderias, da mesma forma para a costura são contratadas as fábricas.

A partir dessas mudanças, o mundo da moda passou a se constituir em um espaço social e profissional, com sua lógica própria, hierarquia de prestígio e tradição. No Brasil, a prova dessa mudança está nas inúmeras escolas de moda que tentam se lançar e se adequar a esse novo contexto que se lhes apresenta, agora ligado ao mundo da produtividade, onde somente as ações concretas, bem sucedidas, isto é, aceitas pelo mercado, são tidas como relevantes.

Os primeiros cursos de moda criados no Brasil, no início da década de 1980, foram os de nível médio profissionalizante, ou seja, cursos técnicos voltados para a área do vestuário de moda, com vistas a suprir a ausência de profissionais criadores, nas capitais de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. De acordo com Pires (2002, p. 81), os cursos tinham como objetivo, “preparar um profissional bem informado e de sólida formação, pronto a qualificar a produção brasileira de moda e abrir espaço para novas idéias”.

O Senai-Cetiqt, no Rio de Janeiro, pode ser citado como a primeira instituição a acolher um curso para o ensino de criação de moda, antes da academia. Esse fato foi relevante, na evolução histórica dos cursos de graduação, pois logo a seguir, na Universidade Federal de Minas Gerais, era instituído o ensino de criação de moda no país, que se iniciou por meio de um curso de extensão universitária, representando a “primeira abertura para a presença da teoria da prática social

Em 1988 foi criada a Faculdade Santa Marcelina, com a finalidade de graduar profissionais para desenvolver os produtos da confecção nacional de roupas. A partir de então, no período de doze anos, ou seja até 2002, foram implantados 20 cursos de nível superior, no Brasil -- entre eles o Curso de Bacharelado em Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina, em 1996 – distribuídos nos seguintes Estados: São Paulo – 5; Rio de Janeiro – 4; Santa Catarina –4; Paraná –3; Rio Grande do Sul, Ceará, Goiás e Espírito Santo –1 (PIRES,2002).

Sem dúvida, o surgimento destes cursos esteve atrelado ao aquecimento da economia daquele período, à instalação de novas indústrias de fiação, de têxteis, de confecção do vestuário; de questões, como a crescente cultura do corpo, da aparência, a segmentação do mercado e do consumidor que passaram a exigir uma nova metodologia projetual. Mas, também, afirma a mesma autora, porque as condições materiais das cidades e sua produção têxtil estavam consolidadas e sua população comprometida com esse processo.

Embora ainda haja um descompasso entre a realidade e a competência dada aos alunos que se formam nos cursos de moda, já se alcançou o entendimento de que a roupa, elemento de construção da identidade, individualidade e fenômeno cultural, é produto de consumo e, como tal, precisa ser concebido e adequado às exigências do consumidor. Isso porque, a criação que privilegia somente os aspectos estéticos, não leva a alcançar os objetivos propostos para o desenvolvimento de um produto que garanta a satisfação e mantenha a fidelidade desse cliente (PIRES, 2002).

Daí, criar mecanismos de produção e controle para desenvolver um produto tão intimamente ligado à sensibilidade humana – nos dois sentidos - torna-se complexo, e representar graficamente esta criação requer competências específicas. Ainda mais que, quando se trata da representação gráfica, para execução de protótipos para a indústria do vestuário, não se está falando dos grandes desfiles *fashion*, nos quais o artifício das luzes, sombras e cores, sem contar com o desempenho das *top models*, já causam os efeitos sabidos por todos. A representação gráfica da qual trata este estudo é destituída de todos estes aparatos estéticos que geram o *glamour* dessa área da economia – da indústria e do comércio.

A representação gráfica para a execução de protótipos é, antes de tudo, uma atividade técnica, onde o controle de qualidade e a ergonomia devem estar presentes, antes mesmo – ou par e passo – com as questões estéticas.

1.2 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

As observações empíricas procedidas por esta pesquisadora, na condição de professora, sobre a criação de produtos do vestuário realizada por alunos do Curso de Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina, vêm indicando distorções no protótipo de produto do vestuário, desenvolvido no laboratório de confecções, em relação à representação gráfica¹.

Possivelmente, isso vem ocorrendo em razão de as competências essenciais à representação gráfica de produtos não ser tratada sistematicamente no âmbito da capacitação, para atender à lógica da Moda.

Outro fator provável, pode ser a falta de padronização no método de representação técnica do produto de moda, o que permite aos alunos representarem, de forma diversa, os objetos de formas semelhantes.

Essas premissas são indicações ainda não pesquisadas de que a padronização no método de representação gráfica pode permitir a compreensão adequada do objeto criado e, conseqüentemente, facilitar o desenvolvimento do protótipo de produto do vestuário.

Dessa forma, focalizar a problemática da criação de produtos do vestuário, implica a seguinte pergunta de pesquisa: **como a padronização na representação gráfica de produtos do vestuário pode facilitar o desenvolvimento dos protótipos?**

¹ Representação gráfica, termo genérico usado para denominar qualquer tipo de manifestação

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral:

Verificar se a representação gráfica de produtos do vestuário, desenvolvida pelos alunos do Curso de Moda da Udesc, é adequada à execução dos protótipos.

1.3.2 Objetivos Específicos:

- Levantar as competências essenciais à representação gráfica de produtos do vestuário;
- Investigar as técnicas, repassadas aos alunos, para representar graficamente os produtos do vestuário;
- Identificar os meios utilizados pelos alunos, para confeccionar os protótipos de produtos do vestuário.

1.4 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Criar produtos que satisfaçam as necessidades de consumidores que, a cada dia, se tornam mais exigentes, tem sido o diferencial competitivo de várias empresas do setor de confecções do vestuário. As mudanças constantes na forma do vestuário, ditadas pela moda, têm exigido profissionais capacitados para atuar nesse mercado.

Tida como secundária até bem pouco tempo, a indústria da moda assume posição de destaque no cenário econômico nacional, impulsionando o desenvolvimento tecnológico e a criação de escolas, em nível superior, com vistas a formação de recursos humanos especializados, para atender um mercado que requer mão-de-obra com aptidões que vão da criação à operação de máquinas.

As instituições universitárias, voltadas para a preparação de pessoal capacitado para atuar nos diferentes setores, tiveram que se reorganizar para atender essa nova demanda, qual seja, formar recursos humanos qualificados, para

atuar em uma área com especificidades próprias e diversidade de funções: o setor do vestuário.

A exemplo do que ocorria em outros setores produtivos, como na indústria automobilística e na mobiliária, também o setor do vestuário passou a exigir o uso de técnicas, métodos e até mesmo linguagem específica, para desenvolvimento de seus produtos. Assim sendo, a universidade passou a ser um dos espaços onde este conhecimento passou a ser disseminado.

Neste contexto, a escolha do assunto pesquisado decorre das dificuldades surgidas na disciplina de Ateliê Experimental de Confecções, da qual essa pesquisadora é professora e onde os alunos confeccionam a peça protótipo cuja modelagem executaram na disciplina Modelagem I, II e III.

Observou-se que os alunos criam um produto para o vestuário e que, quando da representação gráfica técnica do mesmo, desenham de forma diferente; além disso, a modelagem também apresenta distorções tais como: onde deveria apresentar o decote é representado apenas um recorte do modelo; golas e punhos não possuem abertura, portanto não há como vestir a peça; mangas apresentam volume cuja procedência não é indicada. Conseqüentemente, o protótipo desse produto sai diferente ou a sua elaboração, a partir do desenho e da modelagem, não é viável, pois não tem a função ou a estética² desejada quando da sua criação.

As deficiências na representação gráfica técnica da criação do aluno vão aparecer e causar um entrave na disciplina que confecciona o protótipo, quando o produto não é passível de desenvolvimento ou apresenta falhas.

Assim sendo, a pesquisa pretende verificar se existe uma normalização, um desenho próprio para representar os produtos do vestuário, tal como existe na engenharia e outras áreas afins.

A relevância do estudo está pautada no compromisso da Universidade do Estado de Santa Catarina, a qual cabe enquanto universidade pública, desenvolver soluções através de pesquisas, com vistas a solucionar problemas e/ou dificuldades da comunidade, principalmente, na qual está inserida.

Outro fator relevante é que como a pesquisa é exploratória, poderá ser utilizada para enunciar questões ou hipóteses em futuras investigações.

1.5 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa tem como foco o estudo da representação gráfica de produtos do vestuário e a dificuldade que parte dos alunos do Curso de Bacharelado em Moda, com habilitação em Estilismo, da Universidade do Estado de Santa Catarina, apresenta para desenvolver um protótipo, a partir da interpretação de um desenho bidimensional de criação.

Identifica-se como limitação a escolha apenas dos alunos da 4ª fase do Curso, segundo semestre de 2004, deixando à margem da pesquisa os alunos das outras fases, embora também tenham contato com o desenvolvimento de produto e curseem o mesmo currículo acadêmico.

Em material e método são abordadas as características da pesquisa, as limitações inerentes à escolha da amostra, os materiais e os procedimentos metodológicos.

1.6 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

O relatório do presente estudo está organizado em elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Sendo os elementos textuais estruturados em cinco capítulos.

Capítulo I, apresenta o problema a ser investigado: a padronização na representação gráfica de produtos do vestuário, como elemento facilitador ao desenvolvimento de protótipos; contextualiza o tema, abordando as funções da roupa, as razões pelas quais o homem cobriu o corpo e sua relação com a moda; o surgimento da alta costura e das escolas de moda, no Brasil.

O capítulo II trata a moda/vestuário como um produto que se desenvolve através de um extenso mecanismo industrial, dando ênfase ao processo produtivo de sua confecção. Aborda a representação gráfica e suas formas de manifestação nos produtos do vestuário e as competências essenciais à produção de vestuário, contempladas no Curso de Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina.

No capítulo III são abordados: a caracterização da pesquisa, como estudo de caso; o método de observação sistemática direta da produção gráfica dos alunos da

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

4ª fase, 200/2; perfil e justificativa da escolha da amostra intencional; procedimentos metodológicos adotados em todas as fases do estudo, bem como a tabela de critérios para avaliação da produção gráfica da amostra.

O capítulo IV elenca os resultados alcançados no estudo, promovendo uma análise e discussão das representações gráficas, elaboradas pelos alunos, a partir da criação de produtos do vestuário, com base no referencial teórico. Descreve a prática de ensino e as técnicas de representação gráfica de produtos do vestuário, desenvolvidas na 4ª fase do Curso de Moda. E ainda, os meios utilizados pelos alunos para confeccionar os protótipos de produtos do vestuário.

E a conclusão, extraída do estudo, tanto teórico, quanto da pesquisa de campo, apresenta sugestões para novas incursões nessa área.

CAPÍTULO II - REFERENCIAL TEÓRICO

Pelo fato de ser um fenômeno extremamente complexo, a moda quando incide na roupa é um produto, por isso conceituá-la em um único aspecto seria leviano, pois em sua complexidade ela unifica e separa classes, identifica e camufla pessoas, gera empregos e renda, e como produto leva dois anos para ser produzida, seis meses para morrer em seu ciclo e algumas vezes, uma eternidade para ser esquecida. Essa afirmação é respaldada por (Souza 1996, p. 9) quando afirma que

a maior dificuldade ao tratar um assunto complexo como a moda é a escolha do ponto de vista. E se bem que esta seja uma imposição necessária de método, nossa visão como que se empobrece ao encararmos um fenômeno de tão difícil explicação unilateral com os olhos ou do sociólogo, ou do psicólogo ou do esteta.

Assim, de forma mais abrangente, a moda pode ser considerada um estilo geralmente aceito por algumas pessoas e por algum tempo. Pode-se dizer que surge de uma idéia, que é passada para o papel e vai às ruas. Mas o processo não é tão simples quanto parece, considerando que “enquanto produto é o único objeto de consumo que leva dois anos para ficar pronto, começando como fibra têxtil e finalmente chegando à loja onde é vendida; mas renova-se a cada seis meses, com uma regularidade de metrônomo” (VINCENT-RICARD, 1985, p. 33).

Mas para tanto, são necessárias várias etapas e personagens – estilistas, criadores, costureiros, técnicos, engenheiros, pesquisadores – que se cruzam unindo forças, independentes entre si, e ao mesmo tempo interligados dentro do processo industrial como um todo, formando uma cadeia.

Dessa forma, a moda está inteiramente ligada a indústria, interferindo na sociedade e na economia. Gerando vendas e empregos enquanto produto, e como tal apresenta um processo industrial de grande complexidade e extensão, porque “o processo têxtil fragmenta-se de maneira muito complexa” – partindo da fibra (como, por exemplo, lã de carneiro) até chegar a roupa pronta – e precisa passar, “no

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

tocante ao material, pelas fases de fiação tecelagem, beneficiamento e estamparia, e no tocante a modelos, passa pelas fases de corte, montagem e acabamento”. Tudo isso requer “pesquisa estética, elaboração prática, controle de qualidade a cada etapa, sempre dentro dos prazos determinados” (VINCENT-RICARD,1989, p.32).

A industria têxtil e a de confecções estão entre as atividades industriais mais antigas da humanidade, afirmam Feghali & Dwyer (2001, p. 30) “...Utilizam métodos e processos que exigem bastante conhecimento e tecnologia de domínio universal”. São normalmente, as primeiras atividades fabris instaladas em um país e têm sido grandes absorvedoras de mãos-de-obra, pelo fato do setor têxtil ser muito amplo, diversificado e subdividido em vários subsectores.

Complementando Vincent-Ricard (1989) e Feghali & Dwyer (2001), Durand (1988), afirma que o processo industrial têxtil e de confecções tem início com a transformação da matéria-prima – natural, artificial ou sintética – em fios; compreende ainda seu beneficiamento, ou seja, aplicação de cor, elasticidade e textura. Na seqüência ocorre a tecelagem, transformação do fio em tecido, que também recebe beneficiamento como tingimento, estamparia, impermeabilização e tantos outros. Somente a partir dessas etapas, ocorre a transformação do tecido em roupa e, passa a requerer outros bens intermediários – botões, zíperes, fivelas.

Todas essas fases têm de estar entrosadas entre si e com o setor comercial – venda no varejo, inclusive passando às vezes pelo atacado, e dele ao consumidor final. Parte dos tecidos segue para o mercado como tal, para serem cosidos em casas, pelas costureiras e alfaiates.

Neste contexto, os produtores de matéria-prima localizam-se na ponta de trás da cadeia têxtil e deles depende o fornecimento a todos os demais elos. Logo, são os produtores que precisam saber com maior antecedência como será a moda nos próximos dois ou três anos. Esse saber implica uma previsão das cores dominantes e secundárias, e outros aspectos de fios, tecidos e acessórios, com a finalidade de garantir estoques. Da mesma forma, as fiações precisam dessas informações, com menos antecipação, e assim sucessivamente.

Provavelmente, as empresas que estão na ponta de trás da cadeia têxtil gostariam que as coisas fossem menos imprevisíveis, que os gostos variassem menos, que todos aceitassem as suas propostas, enfim, de colocar um pouco mais de ‘ordem’ no fornecimento, reduzindo um pouco a diversidade de produtos para

Essas preocupações também agitam outros elos da cadeia têxtil e isso gera, no interior do setor, um tráfego constante de informações, previsões e conjecturas das características da moda que está por vir. Isso ocorre porque via de regra, as fábricas, em cada elo da cadeia têxtil, pertencem a proprietários diferentes e, assim os que estão na ponta de trás não podem passar ordens, mas apenas “influências e propostas” (DURAND, 1988).

Essas influências serão utilizadas, pelas assessorias de estilos das empresas, em cada elo da cadeia têxtil, para elaborar suas cartelas e mostruários de cores, texturas e materiais, oferecendo-as a seus clientes. Quando essas influências e propostas chegam ao setor de compra das lojas, elas se concretizam em pedidos, que começam a percorrer o caminho contrário. Ou seja, os revendedores encomendam às confecções, que por sua vez o fazem às tecelagens e fabricantes de acessórios e, estes fazem seus pedidos às fiações, e assim por diante. Esta seqüência de propostas, de trás para frente e o fluxo de pedidos, da frente para trás, constitui-se num processo que leva, em média, dois anos para completar seu ciclo, isso se as influências não sofrerem alterações. Neste caso, são os compradores e lojistas, em contato mais direto com o consumidor que podem, antes de seus fornecedores, perceber as mudanças de comportamento no mercado que comprometem uma tendência de moda, fazendo com que não se concretize. A reação em cadeia, gerada por este fato, provocará cancelamento de pedidos, encalhe de produtos e outros tantos desconfortos.

No entanto, confirmadas as tendências de moda, tem início o processo produtivo que irá transformar a matéria-prima e insumos -- permeados com as informações – em produto para o consumo, com valor agregado e para um consumidor específico.

2.1 PROCESSOS PRODUTIVOS DE MODA VESTUÁRIO

O fato de a produção do vestuário se desenrolar através de um extenso mecanismo industrial que começa na produção de fibras e de fios até sua confecção, sob a forma de roupas e conseqüentemente a comercialização, para chegar no

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

consumidor, faz com que a indústria têxtil e a de confecções tenham sua estrutura baseada na produção e venda de produtos.

Dessa forma, o processo produtivo de confecção do vestuário comporta duas grandes etapas: a criação e a reprodução, conforme pode ser visualizado na figura 1. A criação, pode ser entendida como a pré-montagem que compreende a definição do que vai ser criado, o desenho, a ficha técnica, a modelagem, o corte e a montagem do protótipo. A reprodução ou produção propriamente dita, para comercializar, acontece após a aprovação do protótipo e refere-se à elaboração da peça piloto, da graduação dos moldes, do encaixe, risco, enfesto e corte, da montagem ou costura e do acabamento, finalizando com a peça pronta.

A criação é a primeira etapa para o desenvolvimento de um produto de moda vestuário e dela depende o sucesso ou fracasso de produtos e de empresas. O setor de criação, normalmente, está sob a responsabilidade de um estilista -- profissional que define o estilo de uma coleção; suas idéias são inspiradas na alta costura ou no prêt-à-porter e desenvolvidas para a produção em massa. Logo, se é o estilista quem determina os materiais a serem usados, deve possuir conhecimento das tendências de moda, das estratégias e do mercado consumidor da empresa, tendo assim condições de conceber modelos que facilitem a comercialização (FEGHALI & DWYER, 2001).

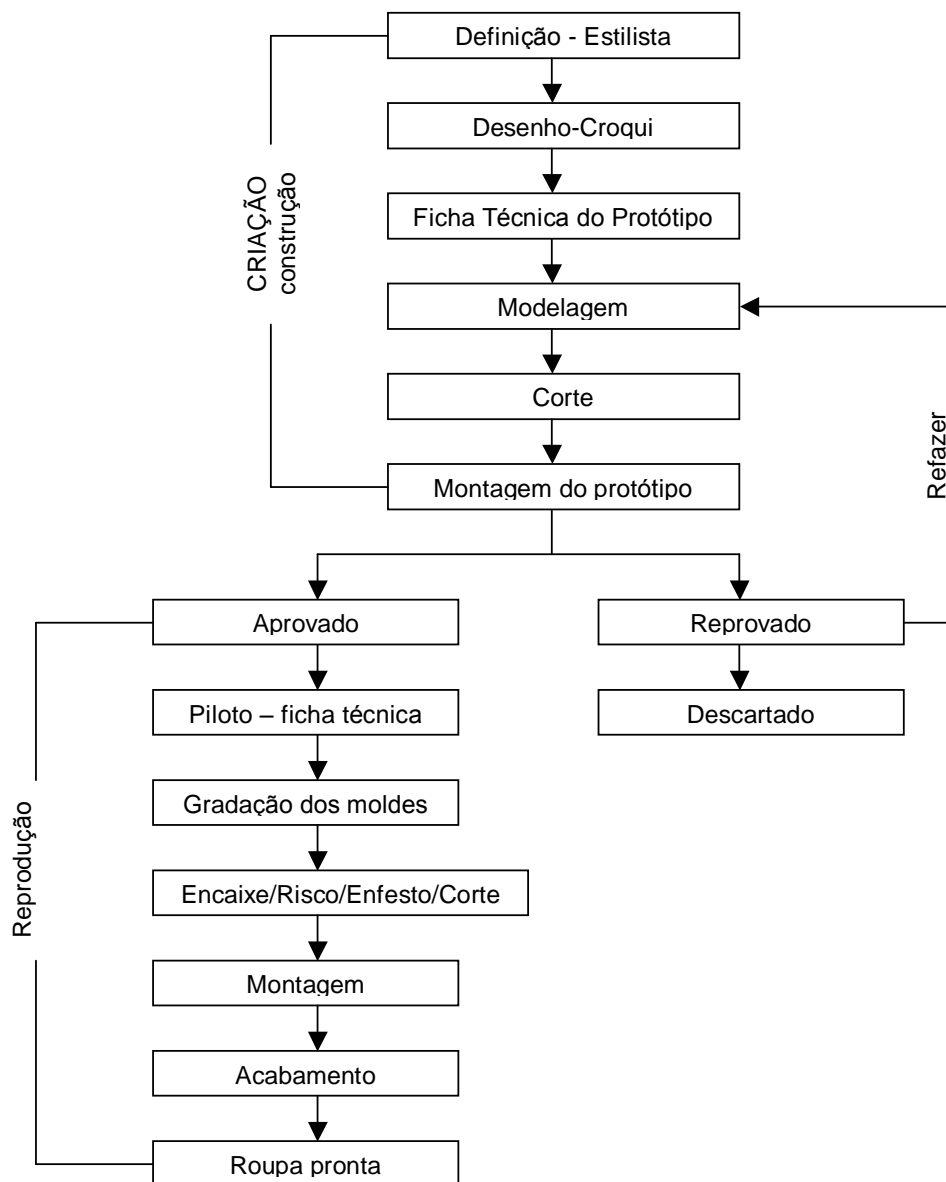
Quanto a pesquisa de tendências de moda, afirmam as mesmas autoras, o seu objetivo é selecionar aquilo que o consumidor da empresa deseja para a estação e o estilista a utiliza para desenvolver o croqui - desenho artístico da idéia do modelo - que dá origem a todo o processo produtivo. Junto escolhe o tecido, cores, estampas, padronagens e texturas, com o qual serão confeccionadas as roupas.

Treptow (2003, p.140) sugere que o estilista, ao criar as propostas para a coleção, faça apenas esboços, em vez dos croquis, pois no seu entender “o esboço não possui compromisso estético” e permite transferir para o papel, de maneira rápida, uma série de idéias - “muitas vezes pode ser apenas um lado da peça desenhado” - que serão usadas para fazer a intercambialidade das peças da coleção, ou seja, que uma mesma peça possa compor vários trajes.

Elaborados os desenhos, quer sejam eles na forma de esboços ou croquis, o estilista – ou seu auxiliar – preenche a Ficha Técnica do protótipo que tem como

1) devem estar descritos todos os dados de identificação da peça e um desenho técnico do produto, tanto de frente quanto de costas, contendo todas as informações para a confecção do protótipo. Esse desenho técnico, assim como a ficha técnica são provisórios, neste estágio da criação. Somente após a confecção e aprovação da peça piloto, terá caráter definitivo (RIGUEIRAL, 2002).

Figura 1 – Fluxograma do processo produtivo de confecção do vestuário



Fonte: Elaborado a partir da pesquisa, 2005.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Dessa forma, as principais ferramentas de trabalho do estilista são “as idéias, lápis e papel”, afirmam Goularti Filho & Jenoveva Neto (1997), embora seja possível o uso do computador nessa fase, com o sistema CAD (ver item 2.2.1). Alertam, os mesmos autores, que durante a criação existem limitações, especialmente, quanto às máquinas, equipamentos e tecnologias que permitam a confecção dos modelos.

Quando os produtos criados são considerados adequados, conforme os critérios estabelecidos no ambiente interno das empresas e condições de mercado, chega-se a etapa da modelagem que geralmente é executada pelo modelista e refere-se à elaboração do modelo sobre uma base plana ou busto – sendo a da base plana, denominada de modelagem plana e a sobre o busto, *moulage*. Na modelagem plana, os modelos são traçados sobre papel, em duas dimensões, utilizando uma tabela de medidas e cálculos geométricos. Essa tabela de medidas representa as circunferências de busto ou tórax, cintura e quadril, medidas com a fita métrica justa ao corpo, sem incluir margens de costura ou folgas. A *moulage* é desenvolvida através do uso de manequim de prova – representação de um corpo em três dimensões, do pescoço até abaixo do quadril, confeccionado em tecido – sobre o qual o tecido vai sendo ajustado de acordo com a forma e o caimento indicados no desenho. Esse método é utilizado na alta costura e vem sendo empregado no desenvolvimento de peças para a confecção industrial. Tanto a modelagem plana quanto a *moulage* são passadas para o tecido, posteriormente, para confeccionar a roupa (TREPTOW, 2003).

Quando usado em escala industrial, afirmam Fulco & Silva (2003), o método da modelagem plana precisa sustentar-se em um padrão que se adapte ao maior número possível de consumidores. Esse padrão é obtido por meio de uma tabela de medidas, que reflete a média entre indivíduos de manequins variados.

Goularti Filho & Jenoveva Neto (1997, p.81), enfatizam que a modelagem, consiste na “concretização das idéias do estilista de modo a criar um protótipo a partir do qual serão elaborados os moldes”. O protótipo, explicam ainda os autores, é a peça que representa concretamente o modelo criado, é desenvolvido para identificar os aspectos de ergonomia do produto e fazer testes de qualidade, conforto e realizar os ajustes.

Para Chataignier (1996, p.30), da modelagem depende o sucesso ou não de uma produção pois

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

o molde é a alma, a definição de uma peça, a identidade total de uma roupa. O modelista é um dos profissionais mais valorizados dentro da moda, sendo bem pago, uma vez que seu trabalho é que vai determinar o sucesso ou não de uma coleção. Qualquer erro de modelagem pode comprometer o nome de uma empresa ou afastar para sempre uma clientela já conquistada.

Assim, a etapa da modelagem, independente do método usado, modelagem plana ou *moulage*, é considerada ‘fundamental’, para que o desenho técnico, venha de fato, se transformar em roupa, com corte e caimento perfeitos (FULCO & SILVA, 2003).

Concluída a modelagem, a fase seguinte é o corte. Para isso, são estendidas as partes do molde sobre o tecido e feito o encaixe das peças – posicionamento dos moldes para obter maior rendimento; -- riscado o molde no tecido e, finalmente as diversas peças são cortadas e preparadas para a montagem, nos diversos tipos de máquinas – reta, overloque, interloque e galoneira -- dependendo do tipo de produto (GOULARTI FILHO & JENOVEVA NETO, 1997).

Após a confecção do protótipo de um modelo, este é submetido à aprovação dos setores de compra, venda, marketing, produção, modelagem e outros, para análise técnica e comercial, com vistas a garantir que o produto final corresponda às expectativas do mercado e da empresa. No caso de não ser aprovado, o protótipo pode ser descartado ou encaminhado ao setor de modelagem para ser refeito, atendendo as modificações sugeridas.

A partir da aprovação do protótipo, inicia-se a segunda etapa do processo produtivo de confecção do vestuário, com a execução da peça piloto, pela piloteira – costureira especializada em peça piloto -- orientada pela modelista que acompanha todo o processo de montagem, corrigindo possíveis defeitos e cronometrando o tempo de execução de cada etapa e anotando na ficha técnica. A ficha técnica é considerada um sistema formal de comunicação dentro da empresa, por Abranches (1995, p. 52), pois contém “toda e qualquer descrição das matérias-primas e das quantidades que serão necessárias para a elaboração de um modelo”, bem como o desenho técnico definitivo da frente e costas do produto. Essa ficha acompanha a peça piloto, desde a modelagem até o final da linha de produção, sendo que em cada fase são acrescentadas informações que permitirão o cálculo do custo final do produto.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Após confeccionada, a peça piloto é provada em manequins que possuem a mesma forma anatômica do padrão de medidas utilizado na elaboração dos moldes. Aprovada a peça piloto, a modelista executa a graduação dos moldes ou seja, faz a adequação aos diversos tamanhos a serem confeccionados. Goularti Filho & Jenoveva Neto (1997, p. 81) afirmam que a graduação pode seguir “tendências gerais (tamanhos padrão) ou criados pela empresa”.

Para melhor compreensão no processo de corte, os moldes devem conter as informações de: a) referência do respectivo modelo, geralmente, é uma série de números determinada pela empresa para identificar o modelo; b) tamanho, corresponde ao número do manequim a que se refere o molde; c) indicação do sentido do fio do tecido para corte, é representado por um seta de dois sentidos; d) das partes da peça - frente, costas, pala, punho; e) do número de vezes que deve ser cortado; f) das marcações com piques e furos – são pontos de referências, utilizados para a união ou sobreposição de peças. Os piques são pequenos cortes, feitos na margem de costura, das laterais de calças e vestidos, tanto na parte da frente quanto nas costas, para indicar que a união deve coincidir naquele ponto. Os furos são pequenos orifícios feitos no tecido, geralmente dois e paralelos, para indicar a posição do bolso, facilitando o entendimento da costureira (FULCO & SILVA, 2003).

Em paralelo à graduação é realizado o enfiesto, que consiste na sobreposição de várias folhas de tecido, sobre a mesa de corte, com medidas determinadas, respeitando sua largura e comprimento estabelecidos pelo risco e encaixe e, principalmente a capacidade de corte da máquina (GOULARTI FILHO, & JENOVEVA NETO,1997).

Concluída a elaboração dos moldes, a fase seguinte é o posicionamento dos mesmos sobre o tecido, procurando o melhor encaixe. Por encaixe, entende-se a distribuição dos moldes sobre o tecido, de forma que permita a obtenção do maior número de peças, numa dada metragem. Conseguindo o encaixe ideal, os moldes são riscados no tecido (GOULARTI FILHO, & JENOVEVA NETO,1997).

Uma vez riscados os moldes no tecido é iniciado o corte - outra operação decisiva para a qualidade da produção. Essa atividade exige habilidade do operador que determina a uniformidade das peças e a minimização das perdas. Executado o corte, as peças são inspecionadas e agrupadas em lotes para encaminhamento ao

A montagem, etapa mais complexa e intensiva de trabalho do processo de produção, “consiste na união de dois ou mais elementos constituintes de uma roupa”, através da operação de costura (Goularti Filho & Jenoveva Neto, 1997, p.82). Para a montagem existem diferentes tipos de costura: reta, ‘entrepernas”, chuleio que podem ser realizadas com máquinas específicas para cada tipo (reta, ziguezague, overloque, galoneira). Uma vez montada, a peça segue para o acabamento que compreende a limpeza – corte de linhas, corte de sobras de pano - e passadoria – onde será eliminado o amarrotamento e passadas as costuras - estando então pronta para ser embalada e comercializada.

Do exposto, percebe-se que o desenvolvimento de um produto de moda vestuário é uma atividade interdisciplinar que requer planejamento por parte do estilista e de toda equipe de trabalho. E, para o sucesso de um produto, as ações na fábrica devem ser coordenadas e a linguagem utilizada nos diversos setores, inclusive a gráfica, devem ser padronizadas, para que o processo se dê em uma cadeia harmônica.

2.2 FORMAS DE REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

O desenho é “uma das formas de expressão humana que melhor permite a representação das coisas concretas e abstratas que compõem o mundo natural ou artificial”. O exercício sistemático desse tipo de expressão, permite ao ser humano “discernir e expandir o conhecimento e a consciência crítica sobre, por exemplo, a qualidade, a funcionalidade e a estética dos ambientes” que o abriga, dos artefatos e das mensagens que usa na comunicação (GOMES, 1996, p. 13).

Trindade (2002, p. 34) fazendo alusão aos dicionários afirma que o desenho

tem distintos significados, tais como: projeto, plano, esboço, croquis, construção, configuração, mostra. Disso, pode-se deduzir que o desenho é as vezes uma idéia, um projeto, um plano para a solução de um determinado problema. Portanto, o desenho consistiria na transformação desta idéia, para com ajuda dos meios auxiliares correspondentes, permitir aos outros esta transformação. A confecção de croquis, projetos, mostras e modelos constituem o meio para fazer perceptíveis visualmente a solução de um problema.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Assim sendo, e considerando que, como forma de expressão, o desenho, pode ter significados diferentes, de acordo com a cultura onde estiver inserido, no contexto desta pesquisa, ora será abordado como esboço, croqui, ora como projeto de produto.

Perazzo & Valença (1997, p. 12), afirmam que “toda imagem produzida pelo homem traduz uma idéia, transmite uma sensação, nos comunica algo”, portanto, deve-se estar atento para perceber as imagens circundantes e o que querem transmitir.

A partir desse entendimento é possível afirmar que o desenho é a forma mais expressiva de comunicação e consegue uma eficácia de expressão bem maior que a fala ou a escrita. Portanto, “uma linguagem e como tal deve ter uma gramática, uma ortografia e uma caligrafia própria, cujo estudo é necessário a quem pretenda ler e escrever corretamente essa linguagem” (CUNHA, 1980, p.1).

Interpretando, os últimos autores citados, pode-se afirmar que no processo de desenvolvimento de produtos do vestuário são usados o desenho artístico e o técnico que possuem uma gramática, uma ortografia e uma caligrafia próprias, ou seja: o desenho artístico, também denominado croqui ou desenho da figura de moda deve ser usado na venda de produtos do vestuário, uma vez que possibilita ampla liberdade de figuração e subjetividade na representação, podendo alcançar, em termos de comunicação, um número maior de consumidores. O desenho técnico, por sua vez, demonstra ser mais adequado para confeccionar o produto, portanto, a linguagem aplicada deve ser clara, concisa e de domínio das áreas de criação e produção, mais especificamente, de estilismo e modelagem.

2.2.1 Desenho artístico de moda

O desenho para a confecção de um produto de moda vestuário, pode tomar vertentes artísticas, consideradas formas de expressão gráfica livre e meramente ilustrativas. Geralmente serve como estratégia na divulgação da marca (GOMES, 1996).

Esse desenho da figura de moda a que se refere Gomes (1996), também conhecido como croqui, no entendimento de Treptow (2003, p. 140) “nem sempre é

intercambialidade das peças, ou seja”, que uma mesma peça possa compor vários trajes, “opta pela elaboração da figura de esboços” – traços rápidos e precisos que permitem visualizar o objeto. A autora afirma, ainda, que “muitos profissionais da área, quando buscam cursos de formação em moda para aprimorar seus conhecimentos, questionam a validade deste aprendizado” – do croqui. No entanto, para os departamentos de marketing e vendas, que analisam a coleção como um todo, o “croqui apresenta uma grande vantagem: a capacidade de visualizar as combinações entre as peças da coleção” e transmitir a “relação entre as peças isoladas e o tema”, através da postura dos manequins e no uso de acessórios.

Tais representações gráficas, de acordo com Treptow (2003), podem ser produzidas à mão livre ou assistidas por computador. O desenho à mão livre é considerado como a forma mais antiga de representação artística, uma vez que foi utilizada pelo homem pré-histórico.

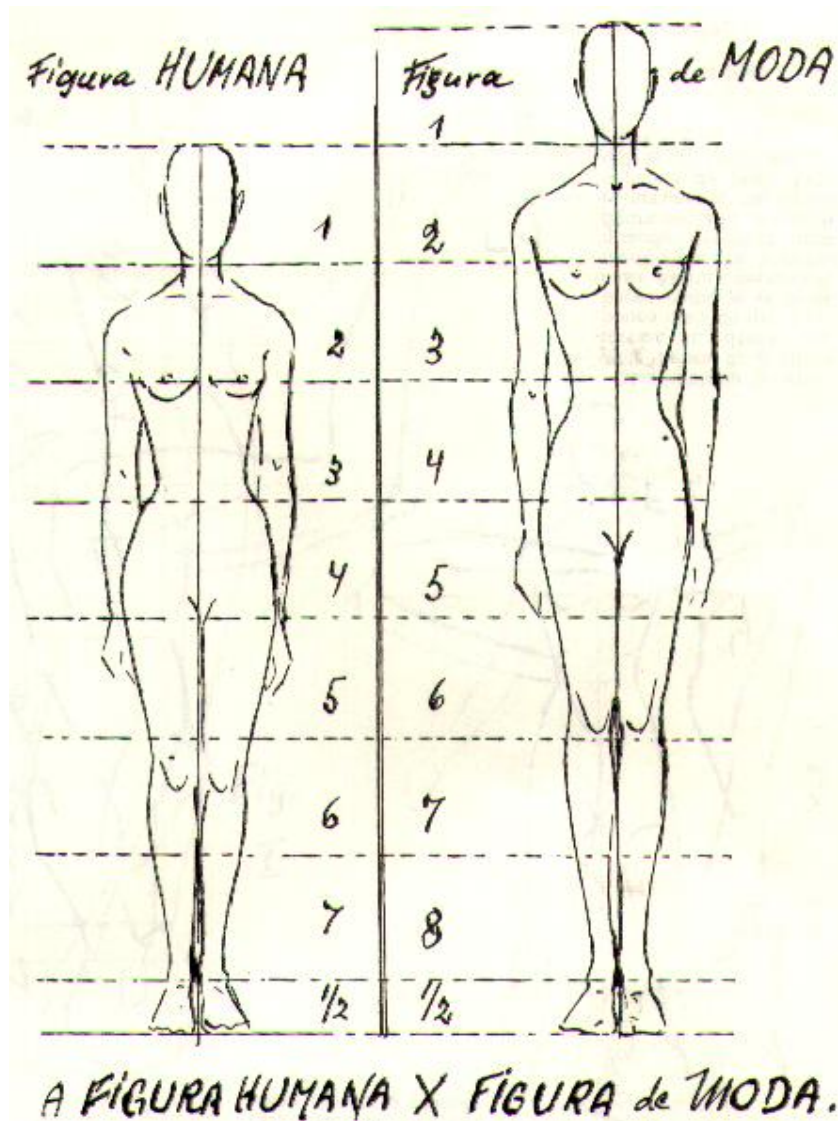
Na moda, a execução dessa forma de representação, passa por diversos estágios até alcançar um resultado satisfatório. Inicialmente, desenha-se o esqueleto na posição desejada, para transmitir o conceito da coleção. Embora não seja regra, mas é prática comum, a figura do esqueleto ser alongada, para possibilitar o detalhamento do desenho,

em desenho de observação as figuras são construídas por repetições proporcionais da medida da cabeça da figura. No desenho de moda, a figura que, no desenho de observação, possui a medida de sete cabeças e meia, é retratada com oito cabeças e meia ou mais (TREPTOW, 2003, p.143).

A ilustração da figura 2 demonstra a relação entre a figura humana usada no desenho de observação e a figura humana, normalmente, usada no desenho de moda, de acordo com a abordagem de (TREPTOW, 2003).

Elaborado o desenho do esqueleto, pode-se compor sobre ele, a figura do desenho da roupa, em conformidade com a figura do esboço escolhido e executa-se a arte final, onde os traços desnecessários são eliminados e aplicam-se cores, de acordo com a técnica de ilustração desejada – caneta Pantone, aquarela, pastel, lápis de cor, etc.

Figura 2 - Proporções da figura humana na moda



Fonte: MANDEL, 1985

O desenho assistido por computador, surgido a partir dos anos de 1980, apresenta-se como uma forma de tornar o trabalho de criação mais ágil e preciso. Para a ilustração de moda, são utilizados os desenhos vetoriais e os desenhos por *Bitmap*. A linguagem vetorial produz formas geométricas que podem ser ampliadas ou reduzidas, sem a perda de foco ou alteração do formato. Exige um pouco de prática, mas eles abrem a possibilidade de criar bibliotecas virtuais, recuperadas e utilizadas conforme a necessidade. Os desenhos em *Bitmap* exigem que seja definida a dimensão do desenho, a ser executado, logo no começo da manipulação

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

de imagens. Um *Bitmap* “é uma coleção de pontos de luz, ou *pixels*, e qualquer alteração no tamanho do desenho pode implicar na perda de *pixels* importantes ou na distorção do foco da imagem” (TREPTOW, 2003, p.146).

A vantagem no uso da técnica de bitmap é que permite a inserção de fotos ou croquis elaborados à mão livre e a sobreposição de imagens; oferece, ainda, a possibilidade de desenhar através de canetas óticas, que simulam os efeitos de guache, carvão ou pastel.

Essas são as possibilidades de se obter um desenho artístico da figura de moda ou croqui – à mão livre ou por computador. No entanto, se o objetivo do criador for a comunicação de uma idéia dentro da empresa de confecção, então o desenho mais indicado é o técnico.

Sobre este assunto, Cunha (1980, p. 1) alerta para a diferenciação entre o desenho artístico, que permite “ampla liberdade de figuração e subjetividade na representação”, enquanto, no desenho técnico “esta diversidade na representação e na interpretação não é admissível”, devendo o mesmo objeto, num determinado tipo de figuração ser representado sempre da mesma maneira, de forma completa e rigorosa, sem qualquer ambigüidade.

A preocupação do autor, quanto ao rigor na forma de representação, refere-se às interferências de aspectos culturais no desenho, cuja solução, para sua correta interpretação, tanto do artístico quanto do técnico, parece estar pautada na forma da comunicação projetual, que deve ser feita de maneira detalhada, a ponto de universalizar a linguagem, tornando-a independente da cultura e dos costumes.

Puls (2003, p. 62), por sua vez, propõe alguns conhecimentos básicos, ao futuro desenhista de moda, recomendando que: a) ao elaborar o desenho da anatomia humana como suporte para a criação, o corpo deve ser conhecido em todas as suas dimensões: estrutura óssea e muscular que sustenta seus movimentos e define seus volumes; a postura e, a expressão facial nas diferentes idades; b) os cânones, código orientativo que, mediante fórmula, estabelece as proporções ideais do corpo humano - a proporção masculina é de 8 cabeças e a feminina é de 7 ½ considerando a cabeça como módulo de altura – devem ser respeitados; c) deve-se optar por métodos criativos de representação, como a técnica do marcador (ou *marker* ou *rotulados*), caneta com ponta de feltro que proporciona grande velocidade às ilustrações; d) o estudo aprofundado do

das roupas; e) a organização visual e compositiva dos elementos formais (ponto, linha, plano e volume); dos elementos visuais (cor, dimensão, tom, direção, escala), e, dos fundamentais (geometria, perspectiva) que são “a matéria-prima, os ingredientes básicos para qualquer profissional de desenho”.

Dentre os conhecimentos, indispensáveis ao desenhista, está a compreensão do que é o corpo humano, enquanto suporte que vai ser envolvido pela roupa. Essa roupa -- quando fora do corpo é uma superfície plana, bidimensional -- torna-se um objeto tridimensional, ao repousar sobre o volume desse corpo, obedecendo as suas formas e articulações. No desenvolvimento de seu trabalho, o profissional precisará lembrar dessas orientações que servirão de base para a confecção da roupa.

Buscando atender os objetivos do estudo, o item a seguir aborda alguns conceitos de desenho técnico de produtos e como é aplicado no vestuário/moda.

2.2.2 Desenho técnico e sua aplicação na moda

Entendido como forma de expressão gráfica que dispensa dotes artísticos, o desenho técnico, exige regras de proporção e fidelidade a sua execução. Porém, não dispensa criatividade para representar uma comunicação sem efeitos plásticos, mas que requer precisão, para transmitir informações complexas, tornando-as mais simples e facilitando a compreensão (GOMES, 1996).

Na Antiguidade, os inventores desenvolviam o projeto de um produto e também o executavam. Eram pensadores e artesãos, e transformavam suas idéias em realidade. Schmitt (1977), afirma que essa atitude não acontece atualmente, a mesma pessoa não participa de todo o processo de produção; afinal existem inúmeras etapas a serem percorridas e a divisão do sistema de trabalho foi empregada,

nas modernas indústrias muitas pessoas participam da execução de um projeto (...), os projetistas, os técnicos, os mestres, os operários qualificados, além de outros especialistas. Cada um tem uma missão bem definida. Mas, para que haja perfeito entrosamento, para que todos os profissionais envolvidos no projeto tenham uma visão de conjunto do que se pretende executar, adota-se uma linguagem comum – o desenho técnico (SCHMITT, 1977, p. 7).

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Para o autor, essa linguagem deve ser destituída de qualquer apelo artístico -- os traços devem ser firmes; a imagem deve ser 'chapada', isto é, não deve apresentar volume, nem movimento -- para limitar as interpretações, favorecendo a comunicação entre os setores produtivos da empresa.

Enfatizando a necessidade de uma linguagem comum e técnica, Schmitt (1977), orienta para o uso de linhas, constantes da ABNT-NB-8, indicadas para representar graficamente um produto, conforme ilustra a figura 3.

Figura 3– Tipos de linhas para representação gráfica de produtos

Tabela A1 Tipos de linhas aprovados pela BS308








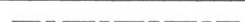





Tipo de linha	Descrição da linha	Aplicação
	Grossa, contínua	Arestas e contornos visíveis
	Fina, contínua	Linhas de cotação e diretrizes Linhas de projeção Hachuras Contorno de peças adjacentes Contorno de secções de revolução
	Fina, contínua e irregular	Limites de vistas parciais ou secções, quando a linha não for um eixo.
	Fina, traços curtos	Arestas e contornos não-visíveis
	Fina, traço-ponto	Linhas de centro Posições extremas de peças móveis
	Traço-ponto (grossa nas pontas e nas mudanças de direção, fina no restante)	Planos de corte

Tabela A2 Tipos de linhas segundo a NB-8

Tipo		Emprego
Grossa	1 	Arestas e contornos visíveis
	2 	Linha de corte
Média	3 	Arestas e contornos não-visíveis
	4 	Linha de ruptura curta
Fina	5 	Linhas de cota e de extensão Hachuras Linhas de chamada
	6 	Eixos de simetria e linhas de centro Posições extremas de peças móveis
	7 	Linha de ruptura longa

Speck (1997, p. 9) também evidencia a necessidade de atender as regras internacionais que normatizam o desenho técnico, como elemento facilitador da comunicação, ao afirmar que

o desenho técnico é a linguagem gráfica utilizada na indústria. Para que esta linguagem seja entendida no mundo inteiro, existe uma série de regras internacionais que compõem as normas gerais de desenho técnico, cuja regulamentação no Brasil é feita pela ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. É derivado da Geometria descritiva, que é a ciência que tem por objetivo representar no plano (folha de desenho, quadro, etc) os objetos tridimensionais, permitindo desta forma a resolução de infinitos problemas envolvendo qualquer tipo de poliedro, no plano do papel.

French (1977, p. 5), considera o desenho técnico uma “;”; comenta ainda que o desenhista precisa conhecer as técnicas de expressão e a maneira como usar os instrumentos necessários; e, deve exercitar a imaginação construtiva, para pensar o objeto “em três dimensões, visualizar com rapidez e precisão, e construir uma clara imagem mental”. Outro ponto a ser observado é o desenho em escala, que deve ser feito seguindo as proporções reais, para que a leitura seja feita corretamente, visualizando não somente a forma, mas também o tamanho do objeto representado.

Quanto a aplicação do desenho técnico na moda, percebe-se que o seu entendimento, como linguagem gráfica industrial, também encontra respaldo no contexto produtivo do vestuário, conforme atestam alguns autores pesquisados e citados a seguir.

Bertaso (1997, p. 99-104), afirma que a partir do momento em que se sabe quais as peças da indumentária que serão introduzidas na coleção, serão necessários desenhos artísticos e desenhos técnicos das roupas. Porém, “antes de começar a esboçar os desenhos da indumentária de coleção, você deve escolher os tecidos que serão utilizados para a confecção das roupas... porque você deve saber como se comportam nas formas do desenho, qual o caimento, e se eles correspondem a sua proposta, no caimento e nas formas das roupas”.

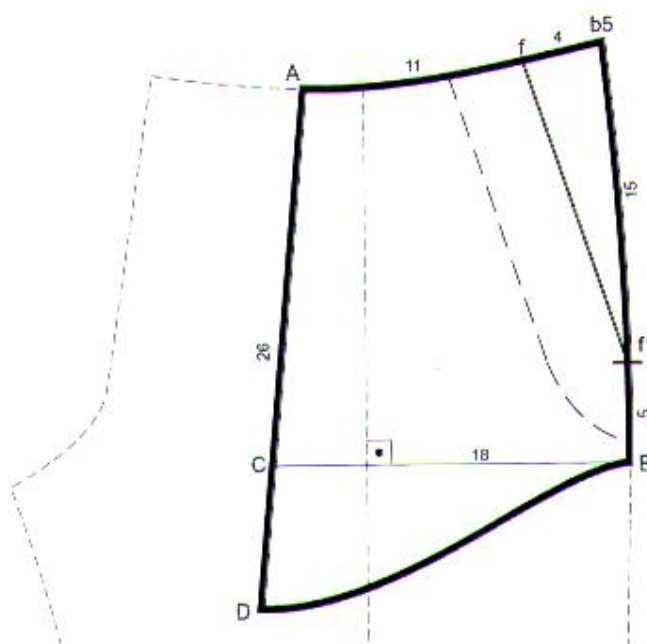
Os desenhos artísticos, de acordo com o mesmo autor, são aqueles que representam “a linha e a proporção das peças de roupa, através de um desenho em uma figura humana”. Por isso, “é importante que tenha conhecimento de anatomia

e desenho de moda, a fim de que estes desenhos dêem uma idéia da proporção e do caimento da roupa no corpo”.

O autor considera ainda, o desenho técnico como um importante instrumento para representação das roupas, sendo “o elo de ligação e relação direta entre a criação do produto (estilista) e sua realização (produção/modelista)”. Logo, esses desenhos são desenvolvidos de acordo com o estilo individual (do criador) e, são aplicadas diversas técnicas de representação gráfica, tanto de uma só cor quanto colorido, para se observar “os detalhes de construção” que devem ser acompanhados de indicações técnicas sobre o produto, tais como: “costura, aviamentos e tecidos para facilitar a leitura do modelo. O autor justifica ainda, que “os desenhos devem ser apresentados em frente e verso e feitos com a ‘máxima precisão’ e, de preferência, “as linhas devem ser traçadas com caneta de nanquim grossa, para os contornos, e outra fina para as costuras e detalhes de construção”, garantindo, assim, maior precisão nos desenhos.

A utilização das linhas, pode ser visualizada na representação gráfica de um bolso de calça, figura 4 -- posicionado na lateral da calça e comumente identificado como ‘modelo faca’.

Figura 4– Linhas usadas no desenho técnico de produtos do vestuário



Fonte: FULCO & SILVA, 2003.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

A linha contínua mais grossa contorna a parte externa do molde do bolso; a linha contínua mais fina, indica a abertura do bolso; e, a linha tracejada, na parte lateral do bolso, representa a limpeza da abertura e o espelho do bolso. Por limpeza da abertura compreende-se o acabamento dado no tecido, onde foi cortado para fazer o bolso. No caso da figura 4, a linha tracejada -- fina, traço curto – está indicando contornos não visíveis, em conformidade com a tabela 1-ABNT, da figura 3. Entretanto, em grande parte dos desenhos de roupas -- quer sejam de informes publicitários ou publicados em revistas e manuais que se propõem a ‘ensinar’ a atividade de costura, ou o desenho de moda -- essa linha representa a costura aparente.

Treptow (2003, p. 148), afirma que o desenho técnico, também conhecido como desenho planificado ou desenho de especificação, tem por objetivo comunicar as idéias do setor de criação ao setor de amostras – modelagem e pilotagem. No desenho técnico “não aparece um corpo de manequim” , bem como são evitadas as distorções e alongamentos permitidos no desenho de moda. Isso ocorre, pois a sua finalidade é fornecer uma informação precisa sobre como deverá ser confeccionada a peça,

por isso a riqueza em detalhes é importante e o modelo é desenhado frente e costas. Não raro, partes do desenho técnico são ampliadas em um ou outro desenho para mostrar detalhes de costura ou acabamentos. O comprimento e a largura podem ser especificados através de medidas. (...) devem estar especificados os tipos e quantidades de pespontos, o tamanho de aberturas (como bolsos), a posição e quantidade de botões, o traçado de recortes e pences (TREPTOW 2003, p. 148).

Para Leite & Velloso (2004, p. 40-3), o desenho técnico é uma espécie de ‘código genético’ da roupa, uma vez que nele estão inscritas todas as informações necessárias à reprodução de cópias idênticas. Através dele, os diferentes profissionais e setores da cadeia têxtil e de confecção têm preservadas as informações, o que possibilita uma comunicação clara e precisa, agilizando os processos de produção. No processo de confecção da roupa, o desenho técnico, definitivo, é feito depois que a peça-piloto é aprovada. Sua principal função é fornecer os esclarecimentos técnicos para a confecção da roupa, mas pode ser usado para outros fins, como catálogos e manuais de vendas.

Além da abordagem sobre o desenho técnico, em seu livro, recentemente

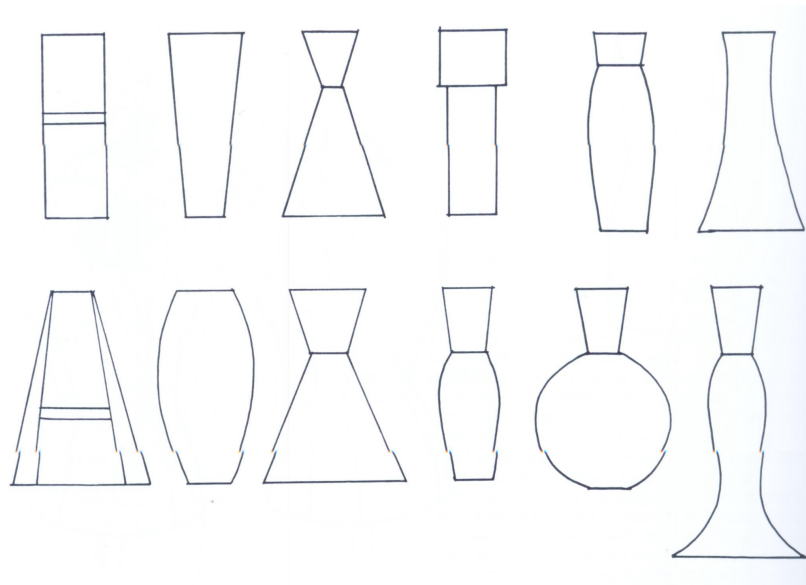
pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

(2004) analisam a roupa como “um objeto constituído por recursos de corte e costura, responsáveis pela sua silhueta”. Assim sendo, “cortes, recortes, pences, variações de amplitude e de limites são recursos que definem a estrutura e silhueta da roupa”, ou seja, a forma que a roupa apresenta, como resultado de seu contorno total, é a sua silhueta, conforme demonstra a figura 5.

Figura 5 – Silhuetas da roupa



Fonte: DRUDI & PACI, 2001.

As pences são dobras costuradas no verso do tecido com a função de diminuir a largura da vestimenta para ajustá-la ao corpo. Nas blusas, são recursos para modelar os seios. Todas as pences partem de um ponto e convergem em direção ao ápice do busto. Podem se transformar em recortes, quando se encontram e formam uma linha contínua. As variações de amplitude referem-se a largura e folga das roupas; enquanto os limites dizem respeito ao comprimento, à linha divisória de onde termina a parte superior e onde começa a inferior da roupa (LEITE & VELLOSO, 2004).

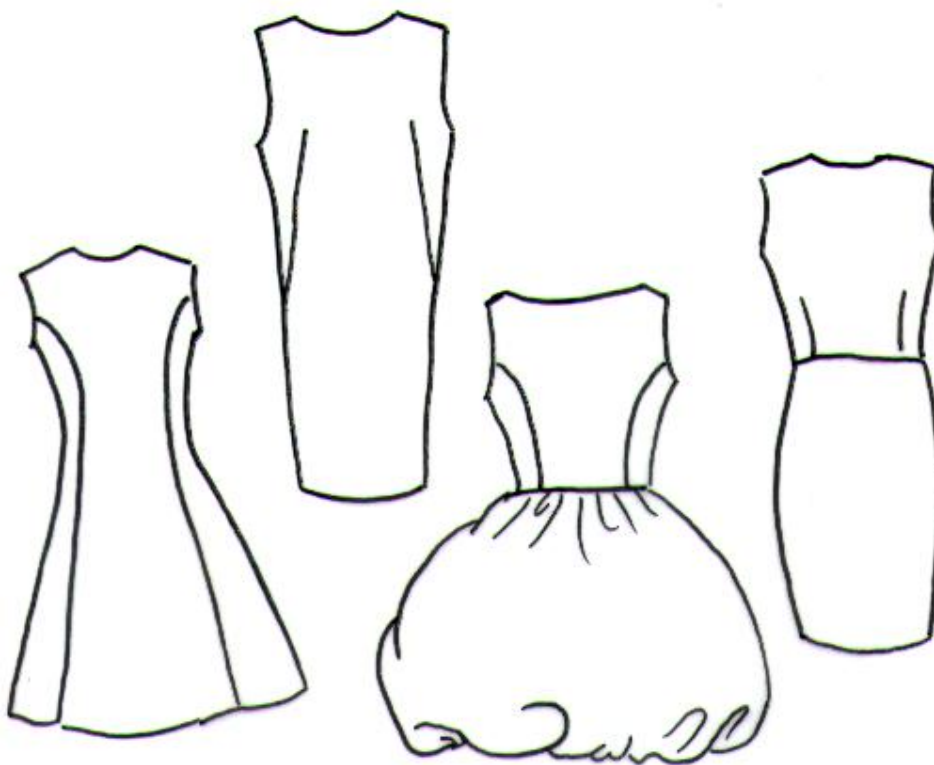
Quando combinados, recursos como: cortes, recortes, pences, variações de amplitude e de limites, possibilitam a criação de uma infinidade de modelos, conforme ilustra a figura 6, onde são apresentadas as formas de algumas roupas, a partir das possibilidades de interpretação da silhueta.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Figura 6 – Formas da roupa com base na interpretação da silhueta



Fonte: Elaboradas a partir da pesquisa, 2005.

Assim, com base no estudo, pode-se concluir que o desenhista de moda precisa ter o conhecimento e a visão do mercado de sua atuação e, além da formação acadêmica, deve procurar o contínuo aperfeiçoamento das técnicas de representação gráfica, bem como o uso de novos materiais, para que o desenho técnico se torne um elemento de comunicação eficaz, entre o setor de criação e o setor de amostras.

2.2.3 Representação gráfica de produtos do vestuário

A seguir serão apresentados alguns exemplos de representação gráfica de produtos do vestuário -- contendo a respectiva conceituação de seus elementos constitutivos -- tecnicamente viáveis para a confecção de um protótipo, com especificações de: a) aberturas e fechamentos, necessárias para roupas justas, ou não, a fim de facilitar o trabalho de vesti-las, como: decote, *patté*, punho, carcela,

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

ou seja, largura o suficiente para os movimentos do corpo ou modelado, na exata medida, para ficar preso ao corpo; d) representação gráfica da frente e costas do modelo. Os exemplos, referem-se às peças mais conhecidas e usadas no vestuário ocidental e aqui são utilizados como referências, e suas medidas, como critérios, para avaliar a amostra da pesquisa de campo.

Camisa

Peça do vestuário, de tecido leve, mangas compridas ou curtas, usada sobre a pele ou camiseta, cobrindo o tronco. Inicialmente pertencia ao guarda-roupa masculino, sendo incorporada ao vestuário feminino, com menos rigidez no que se refere ao colarinho e punhos. Apresenta-se em diferentes modelos e pode ser usada em ocasiões formais e esportivas. As figuras 7 e 8 ilustram os modelos de camisa masculina e feminina, respectivamente.

Para facilitar a correta interpretação da camisa, o desenho técnico deve conter todas as aberturas, fechamentos e acabamentos (LEITE & VELLOSO, 2004).

Observe-se a gola, parte da roupa sobreposta ao decote, nas figuras 7, 8 e suas variações na figura 15. Em seguida, o abotoamento, conjunto de botões fixados na tira de vista, ou *patté*, que permitem fechar a abertura da camisa, figura 7.

Outra possibilidade para fechamento da abertura da parte superior da roupa é o uso de zíper, feito de uma série de dentes de metal que entrelaçam com um cursor para abrir e fechar, pode ser visível, ou seja perceptível na abertura da roupa ou invisível, conforme demonstram as figuras 10 e 13, respectivamente.

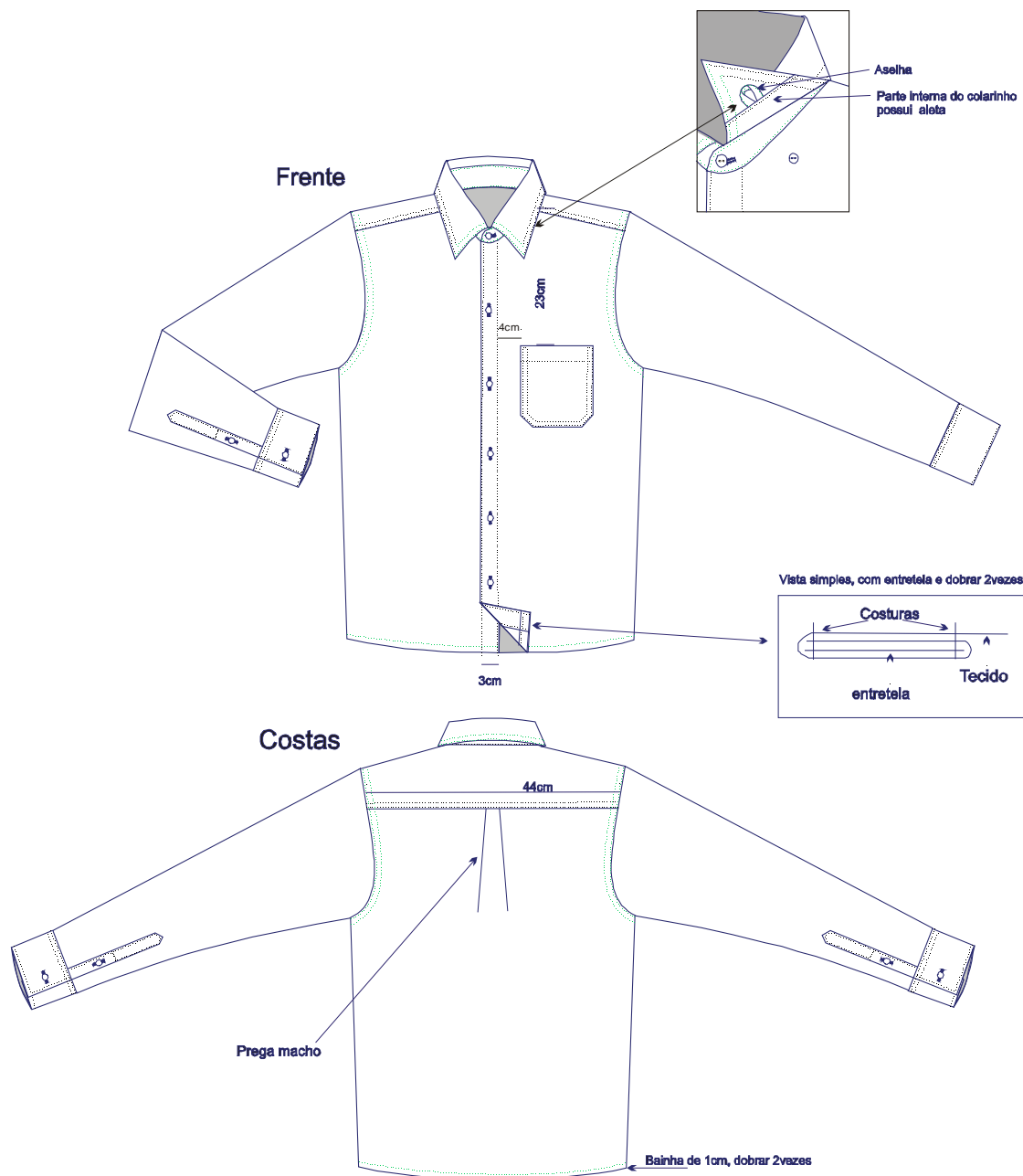
A manga, parte da roupa que veste o braço, é terminada com o punho e a cabeça da manga, parte superior, é costurada na cava. Para possibilitar o transpasse do abotoamento do punho e vestir o braço, existe uma fenda na manga e o acabamento dessa fenda é feito por uma tira de tecido denominada carcela, figura 6. Geralmente existem pregas para ajustar a largura da manga à medida do punho (FULCO & SILVA, 2003).

Figura 7– Representação gráfica de uma camisa social masculina

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!



Fonte: Elaborada a partir da pesquisa, 2005.

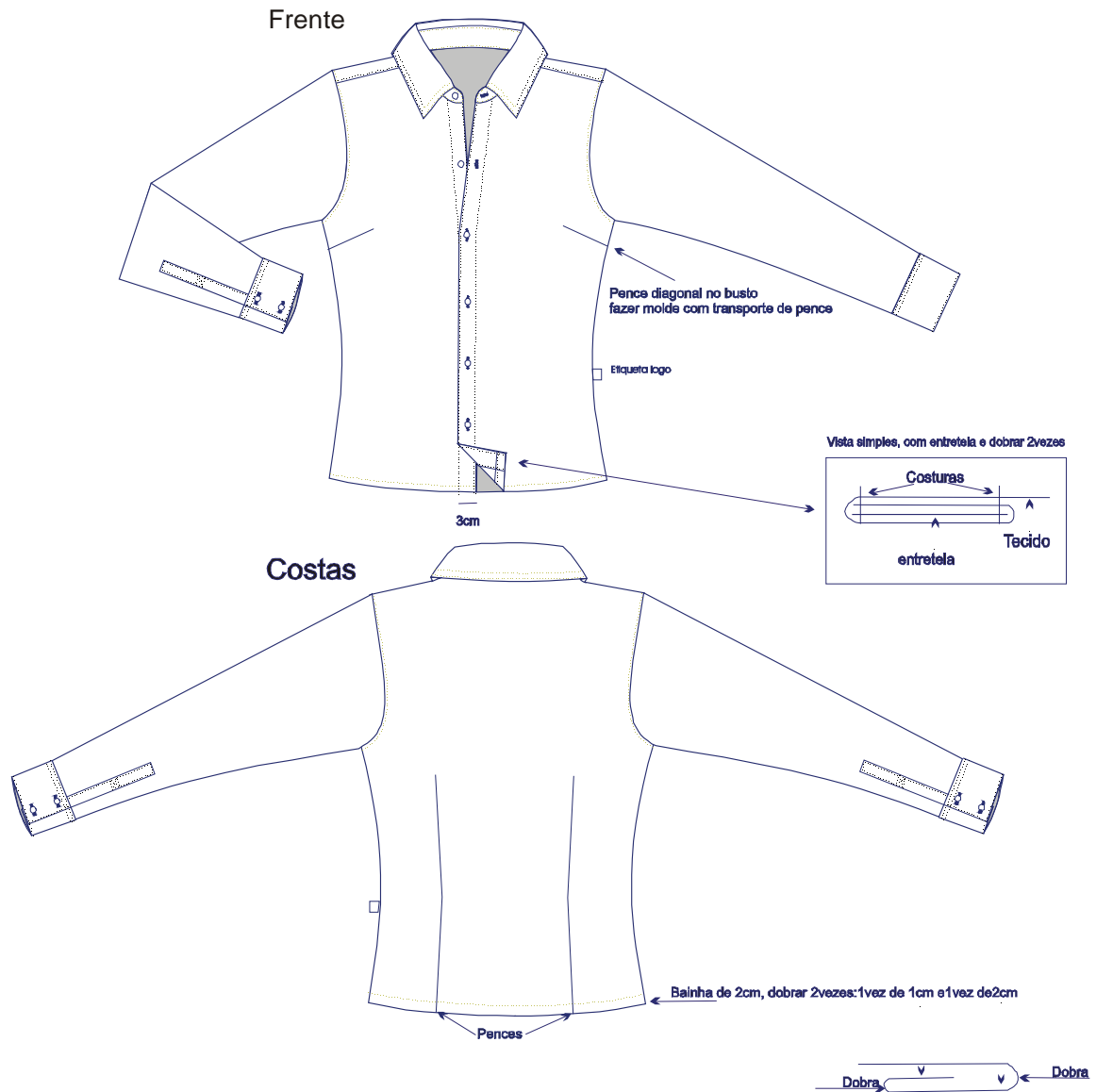
Outros elementos fazem parte da representação gráfica de uma camisa social masculina: a bainha, ornato que circunda a peça de roupa; a aselha, pequena alça usada para abotoamento e a aleta, espécie de barbatana, geralmente usada na ponta da gola da camisa, todas ainda na figura 7 (LEITE & VELLOSO, 2004).

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Figura 8– Representação gráfica de camisa modelada feminina



Fonte: Elaborada a partir da pesquisa, 2005.

A camisa feminina geralmente é modelada no corpo e, para que isso ocorra são necessárias pences – dobras costuradas no verso do tecido com a função de diminuir a largura para ajustá-la ao corpo. Nas blusas são recursos para modelar os seios, figura 9. Podem se transformar em recortes, quando se encontram e formam

pdfMachine

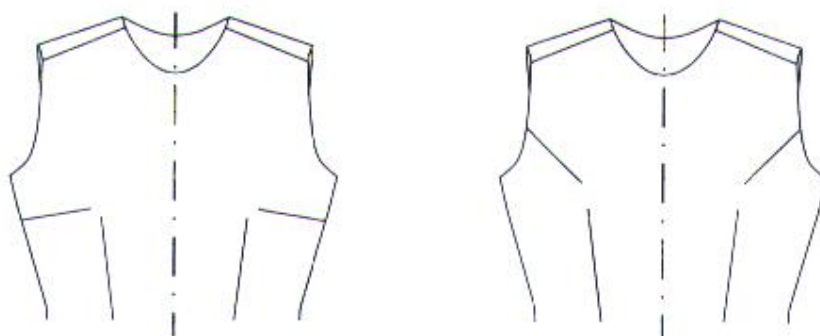
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

uma linha contínua, ou seja, quando a pence vertical e a pence horizontal se juntam no ápice do busto (LEITE & VELLOSO, 2004).

O modelo de camisa ilustrado na figura 8, não possui tira de vista ou *patté*, apenas o conjunto de botões e a sua abertura. A camisa feminina não precisa, necessariamente, ser modelada ao corpo, existem modelos mais descontraídos e, para conseguir esse efeito, não são colocadas as pences, a exemplo do casaco, na figura 11.

Figura 9– Representação gráfica de pences e decote



Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004.

O decote, abertura da roupa que descobre mais ou menos o pescoço, pode ser observado na figura 9 e suas variações na figura 14. Por outro lado, quando o decote não requer uma gola, aplica-se o revel, revestimento de acabamento para decotes e cavas que não possuem mangas, representado na figura 19.

Observe-se que na figura 9, a indicação do centro da roupa condiz com a orientação da ABNT, que prevê na tabela 1, da figura 3, uma “linha fina, traço-ponto”, para indicar “linhas de centro”.

Paletó ou Casaco

O paletó, peça usada na parte superior do vestuário, tanto masculino quanto feminino, pode ser entendido como um casaco também, e sua construção é muito elaborada, uma vez que utiliza recursos de recortes e de pences para acompanhar a forma do corpo, figura 10. Pode ser usado, no caso feminino, diretamente sobre o

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

comprimento variam de acordo com as tendências de moda (LEITE & VELLOSO, 2004).

Figura 10 - Representação gráfica de paletó com fechamento em zíper

Frente



Costas



Fonte: Leite & Velloso (2004).

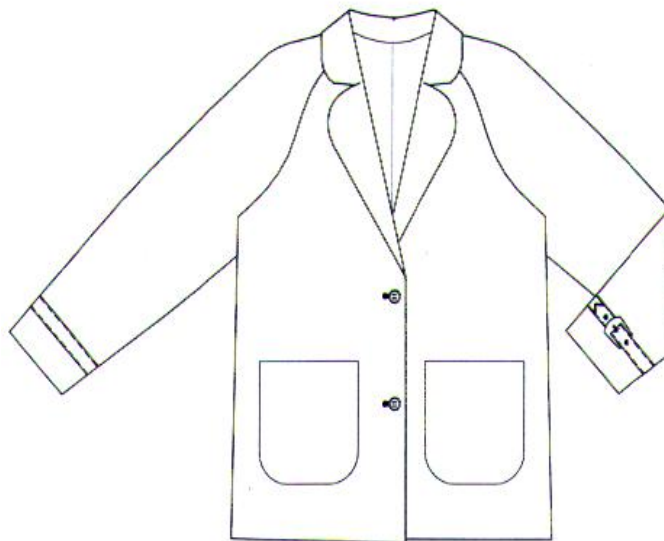
pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Figura 11 – Representação gráfica de paletó com abotoamento

Costas



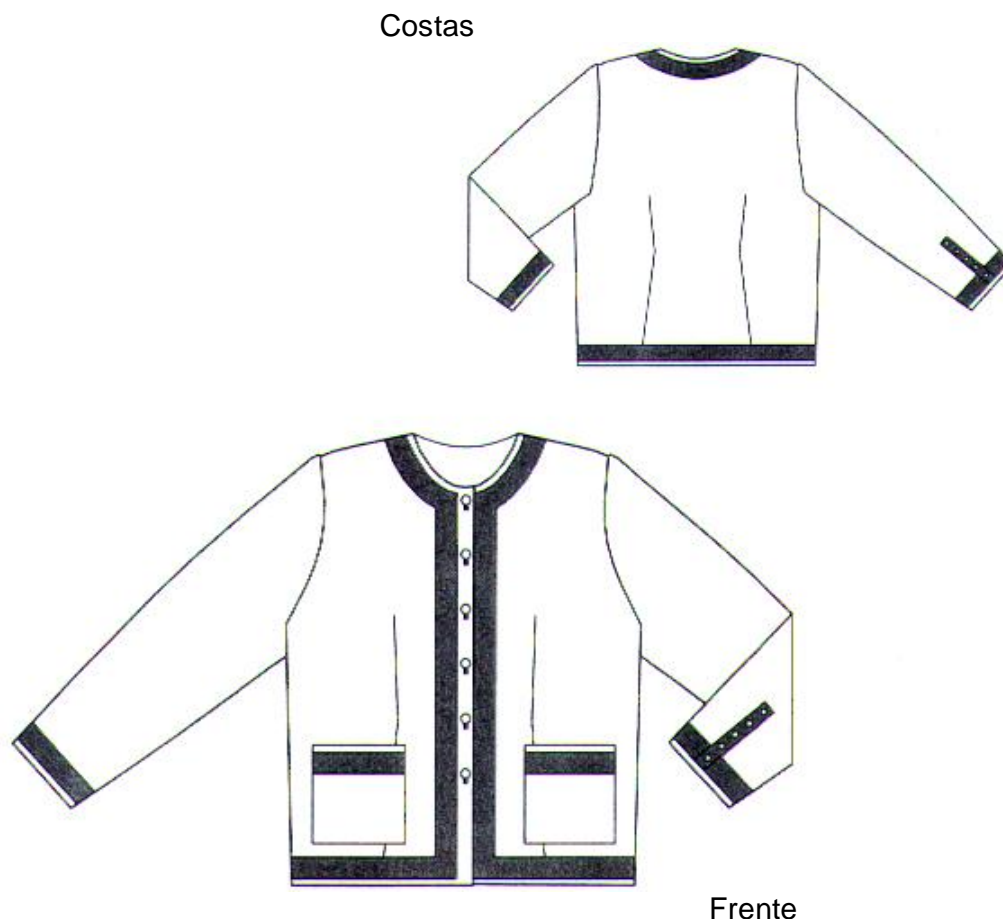
Frente

Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Figura 12 - Representação gráfica de paletó com acabamento em cores

Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004.

Vestido

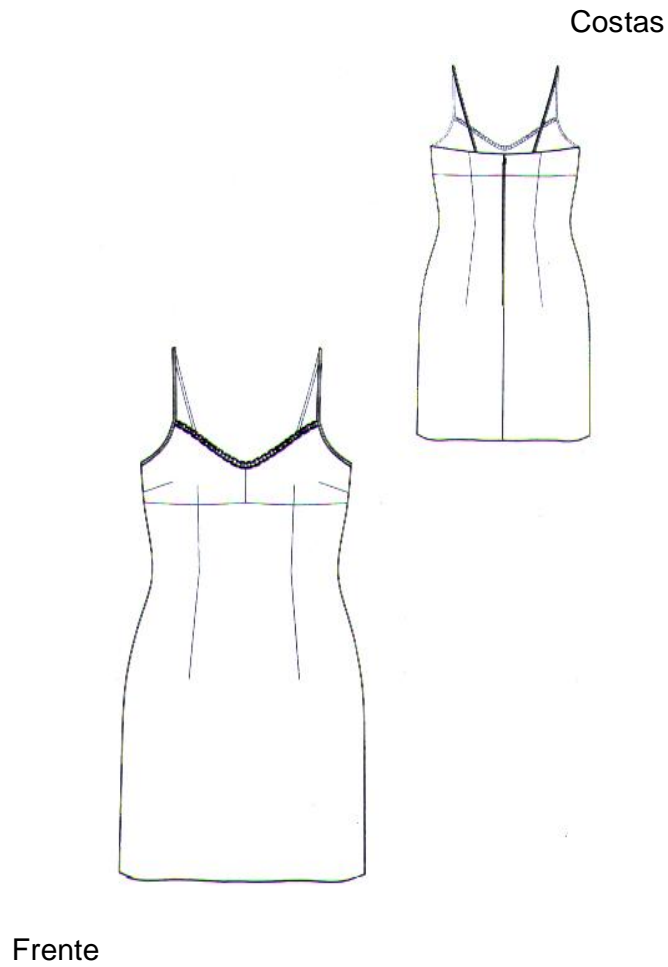
O vestido, de acordo com Leite & Velloso (2004, p.105), na sua forma mais primitiva era “apenas um tecido que cobria o corpo”. Pousado sobre os ombros e caindo até os pés, era usado tanto por homens quanto por mulheres. Atualmente, restritos ao guarda-roupa feminino, podem ser estruturados inteiramente sobre o corpo ou recortados na cintura, divididos em saia e blusa, mangas curtas, compridas, ou totalmente sem mangas; com decotes rentes ao pescoço ou profundamente decotados, tanto na frente quanto nas costas (ver figura 14); com ou sem gola (figura 15); de comprimento extremamente longo ou curto, ou na altura do joelho, meio da perna; colados ao corpo ou franzidos e largos.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Figura 13 – Representação gráfica de vestido



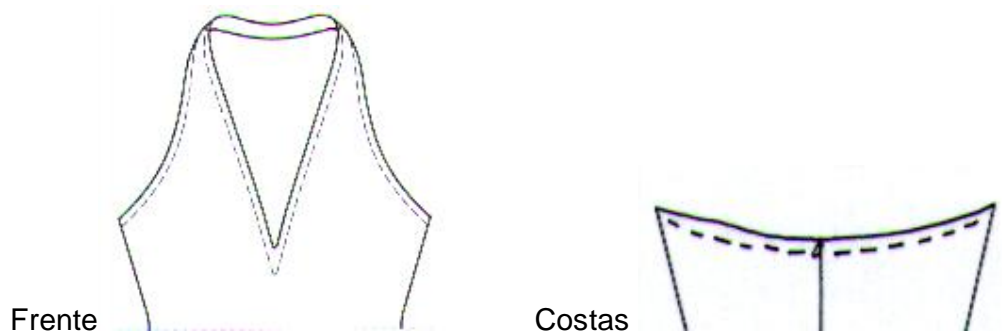
Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004.

pdfMachine

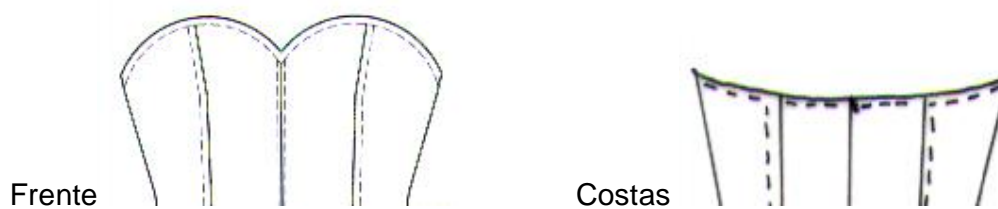
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

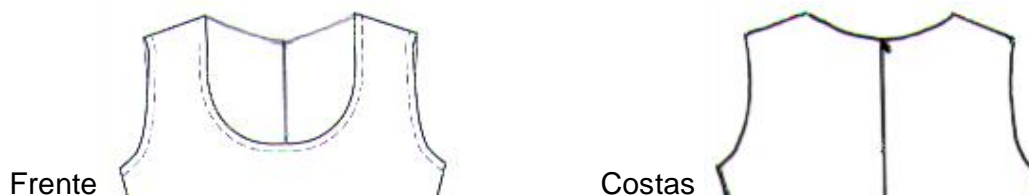
Figura 14 – Representação gráfica de variações de decotes



Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004.



Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004.



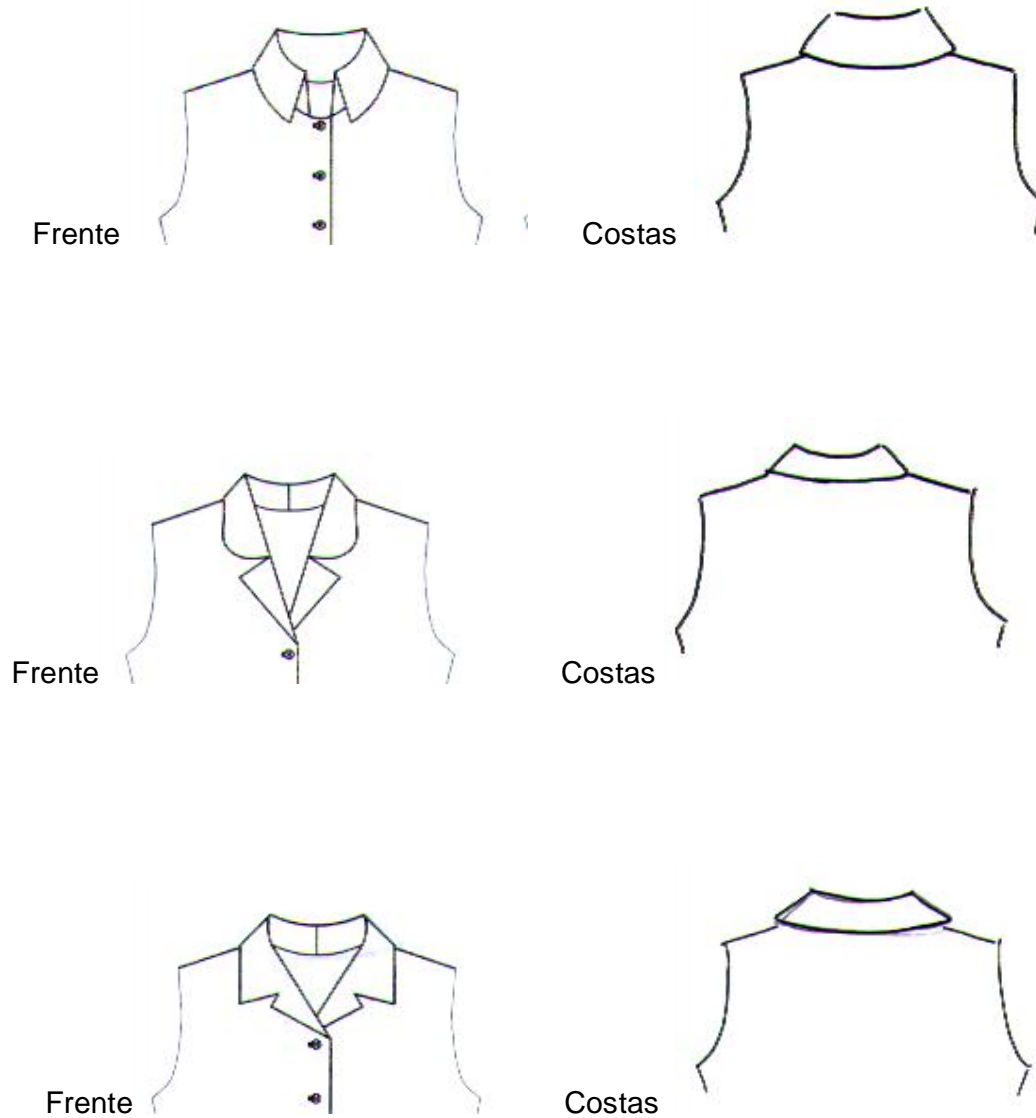
Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Figura 15– Representação gráfica de variações de golas



Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004.

Saias

A saia, peça do guarda-roupa feminino, veste as regiões da cintura e do quadril, cobrindo a articulação das pernas, (figura 16). Por isso, deve ser desenhada

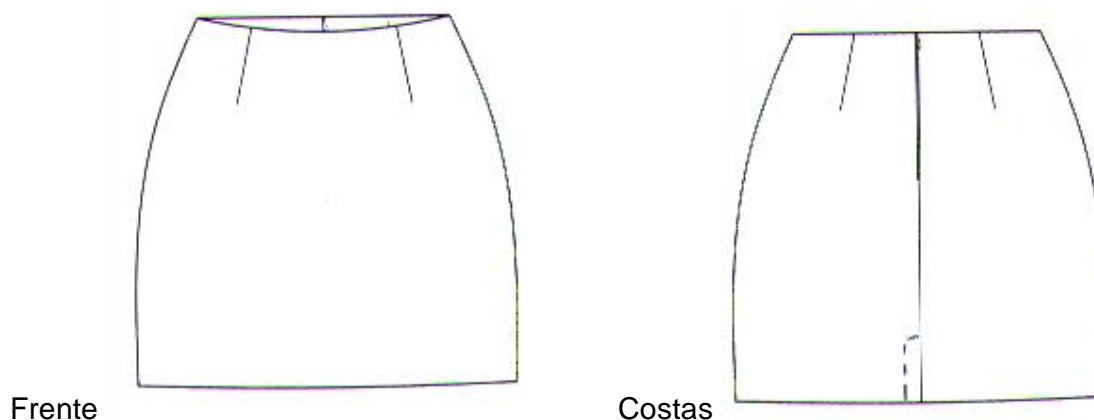
pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

de modo a indicar a liberação de movimentos. Para tanto, pode-se usar diferentes recursos como: fendas, babados, franzidos e outros artifícios.

Figura 16 - Representação gráfica de saia



Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004.

Calças

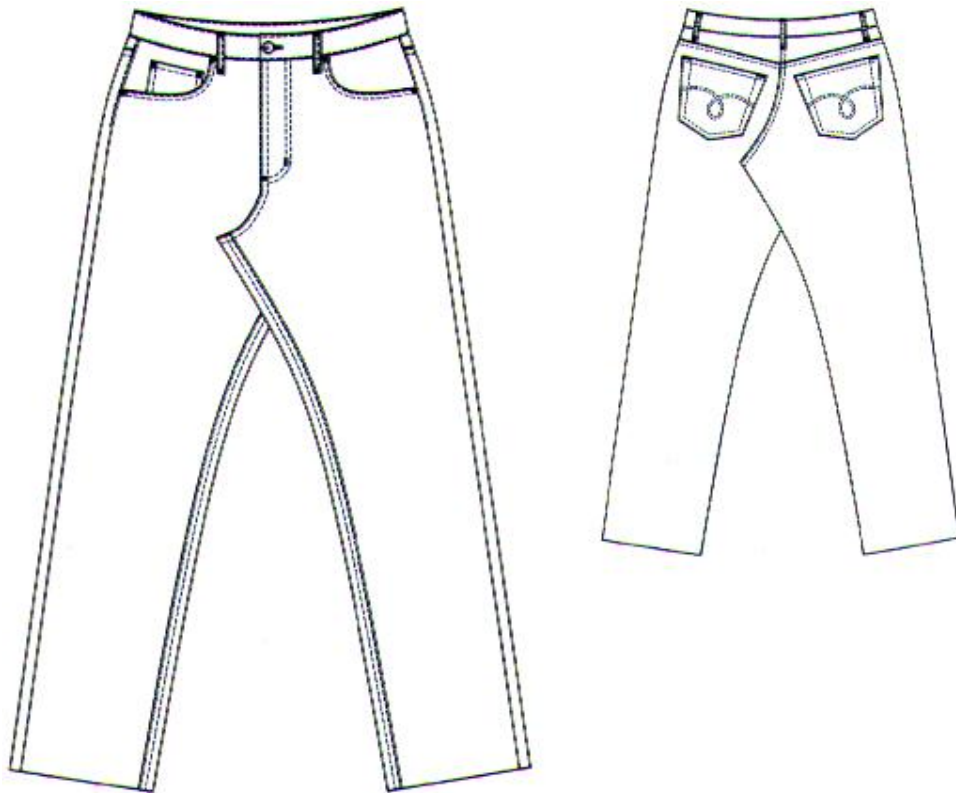
Parte das vestimentas masculina e feminina que cobrem o corpo da cintura para baixo, envolvendo cada uma das pernas. As calças ligam-se às regiões do quadril e cintura por meio do “gancho” que é desenhado nas entrepernas (figura 17). Da mesma forma que as saias, o desenho das calças deve solucionar, por meio de pences, franzidos, etc., as diferenças de largura entre cintura e quadril, no caso da vestimenta feminina. Das calças derivam as bermudas e shorts, que têm a mesma estrutura, variando apenas em comprimento. Ao sistema de fechamento com botões ou com zíper da abertura de saias e calças, dá-se o nome de braguilha, (figura 18). A braguilha é feita com o objetivo de acomodar as larguras do quadril a cintura, permitindo que a roupa entre e saia do corpo confortavelmente (LEITE & VELLOSO, 2004).

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Figura 17 – Representação gráfica de calças



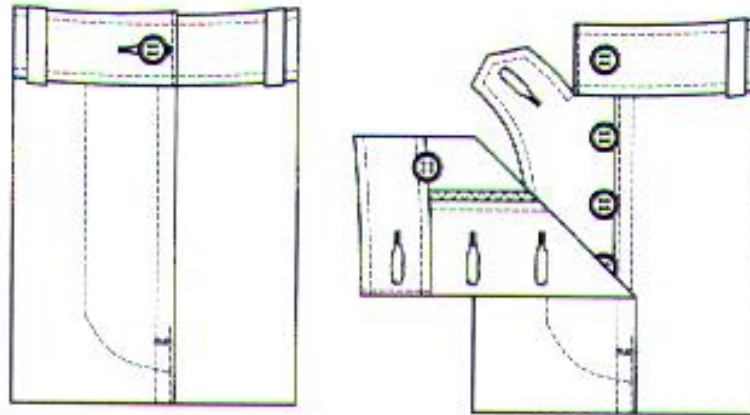
Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004.

pdfMachine

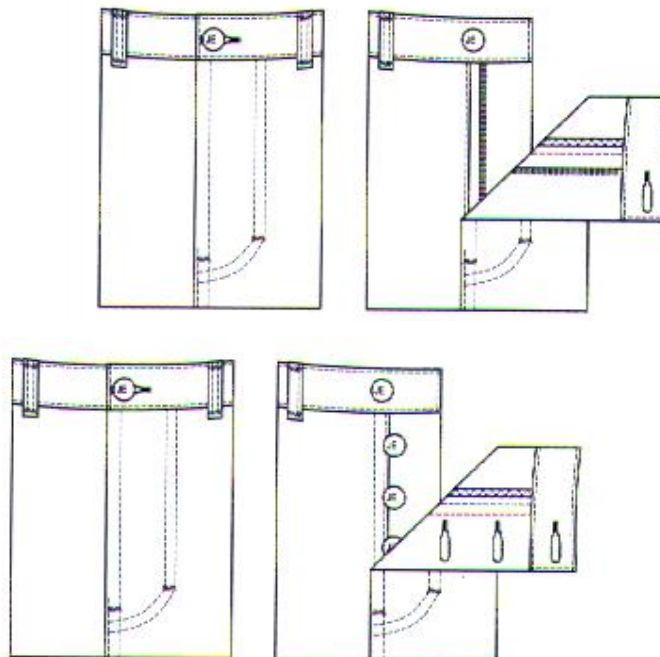
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Figura 18 – Representação gráfica do sistema de fechamento de saias e calças



Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004.



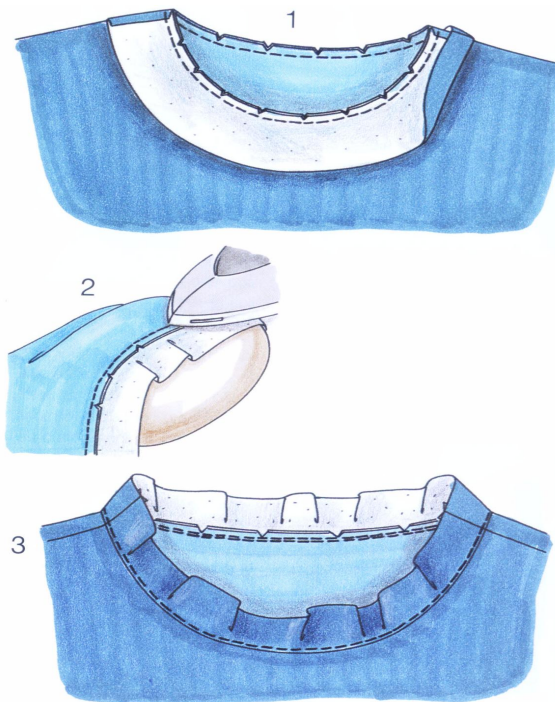
Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Figura 19 – Representação gráfica de revel



Fonte: Revista Burda K 694, 2002

Para indicar a posição de uma parte de uma peça (por cima ou por baixo), ou até mesmo o lado onde está a abertura, por exemplo, pode-se usar o recurso de desenhar uma das partes um pouco maior. Observe-se o sistema de abotoamento da figura 11, a parte direita do paletó está maior, portanto, a esquerda está embaixo.

Do exposto, percebe-se que quanto maior o número de informações, melhor será a compreensão do objeto desenhado e que a ausência de normas específicas para representação do desenho técnico de roupas, pode dificultar a comunicação entre os setores de criação e modelagem, no processo produtivo de confecção do vestuário.

Com vistas a atender os demais objetivos do presente estudo, o item a seguir trata das competências direcionadas ao exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, desenvolvidas no Curso de Bacharelado em Moda da Universidade do

Estado de Santa Catarina, mais especificamente, da abordagem dos processos produtivos do vestuário, no contexto acadêmico.

2.3 COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS À PRODUÇÃO DE VESTUÁRIO

Desde a infância, as pessoas aprendem que há um futuro promissor, àqueles que se preparam para o mercado de trabalho, por meio da escolha e qualificação profissional. O mercado, cada vez mais competitivo, seleciona aqueles que adquiriram resistência para vencer na luta das espécies. Assim, o mercado é um espaço de combate entre vendedores e compradores de força de trabalho.

No século XX, foram implementadas todas as condições que legitimaram a educação voltada para o trabalho, especialmente no ensino médio e superior. Na construção da cidadania, a profissão desenvolvida pelo indivíduo está diretamente ligada ao trabalho e à busca pelo emprego. Ao mesmo tempo em que o desemprego aumenta, crescem oportunidades de trabalho informal. Em grande parte, o desemprego é estrutural, ou seja, inúmeros trabalhadores não conseguem um emprego por não absorverem as mudanças causadas pela inserção de novas tecnologias. Desta maneira, é iniciado um processo de investimento em centros de formação para preparar os excluídos, para a suposta inclusão no mercado de trabalho. O capitalista vê na educação inclusiva uma forma de expansão de seu capital, enquanto o governo o apóia para o “cumprimento de sua função social” (SEVCENKO, 2001).

Numa leitura crítica da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, verifica-se que o ensino superior não faz parte das prioridades do Estado. Mesmo assim, está centrado no desenvolvimento de competências e habilidades para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, o que tem levado o contexto educacional a debruçar-se sobre estas questões.

O assunto das competências tem penetrado os diferentes níveis de ensino, do fundamental ao superior e muito se tem falado em “construir competências”, que significa “aprender a identificar e a encontrar os conhecimentos e habilidades necessárias para a realização de uma ação de qualidade” (BERNI, 2004, p.10).

Dessa forma, e, considerando que toda prática profissional requer um certo grau de competência; ser competente é ter a capacidade de articular os conhecimentos racionais com as ações concretas no dia-a-dia de uma profissão, e isso pressupõe que a construção de competências passa, necessariamente, pela dimensão dos valores, da ética e da responsabilidade social (BERNI, 2004).

No contexto do ensino superior a competência tem sido definida como “uma capacidade de agir reflexiva e eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em um conjunto articulado e dinâmico de conhecimentos, saberes, habilidades e posturas”. Essa ação reflexiva pode ser transferida para outra situação qualquer e não somente aquela à qual se destinou inicialmente (BERNI, 2004, p.12).

Em relação a este assunto o Ministério da Educação e Cultura faz um advertência: “conhecimentos e competências são processos que se articulam, mas não se confundem”; por isso, não se deve abrir mão de transmitir conhecimentos ao se comprometer com o desenvolvimento de competências (BERNI, 2004, p.12).

Neste ponto deve-se distinguir capacidade de competência: capacidade é a aptidão para fazer algo, isto é, uma atividade que se exerce e, ela só se manifesta porque é aplicada a conteúdos, enquanto que, o que caracteriza uma competência é a mobilização de diferentes capacidades e conteúdos diversos. Isso permite conceituar a competência, como, um conjunto ordenado de capacidades que são exercidas sobre os conteúdos, em determinadas situações, para resolver problemas, com novas aquisições (PINHEIRO & BURINI, 2004).

O ensino por competências permite a existência de pontos motivadores como projetos temáticos ou a resolução de problemas, integrando os conhecimentos de modo a atingir a “interdisciplinaridade – as diferentes disciplinas interagem-se entre si” -- pois é muito difícil, uma disciplina isolada, refletir a realidade da vida profissional. Isso requer a integração curricular das disciplinas e, normalmente, o aluno só fará na ocasião do estágio profissionalizante (NOGUEIRA, 2001, p.32).

Assim, a escolha do estágio deve ser em função do conhecimento, das competências, habilidades e atitudes já desenvolvidas pelo aluno. Daí, percebe-se a importância de práticas pedagógicas que possam integrar as diferentes disciplinas do currículo escolar, dimensionando a necessidade de envolver e responsabilizar o aluno na sua formação profissional.

Na prática, as instituições de ensino superior vêm mudando aos poucos para

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

modelo denominado de 'híbrido', em parte por competência em parte nos moldes clássicos (BERNI, 2004).

Enquanto as universidades estão começando a se voltar para o ensino baseado no desenvolvimento de competências, as empresas já o fazem há muito tempo. Basta observar a quantidade de cursos de capacitação no ambiente empresarial. Se por um lado as universidades estão se preparando para atuar no ensino por competência e as empresas já o fazem há algum tempo, por outro, os profissionais ainda estão chegando ao mercado, sem muitas das competências necessárias para uma atuação com excelência (BERNI, 2004).

O que acontece é que o emprego do ensino construtivista, para o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes, ainda não é compreendido pelos educadores em sua totalidade, que vêem nessa prática um ensino utilitarista e altamente profissionalizante. O desafio pedagógico, no entendimento de Pinheiro & Burini (2004, p.28), "é integrar e proporcionar o necessário equilíbrio entre o ensino generalista", voltado para a aquisição de conhecimento e de capacidades e o "ensino mais operacional", baseado na aquisição de competências

2.3.1 O Curso de Moda com Habilitação em Estilismo da UDESC

A região de Florianópolis, buscou a formação de uma identidade regional como as existentes em outras partes de Santa Catarina: o Vale do Itajaí, mais especificamente, nas cidades de Blumenau e Brusque e, Nordeste, Joinville e Jaraguá do Sul, são identificados, mundialmente, pela produção de artigos de cama, mesa, banho e de malha tubular – para a confecção de camisetas. O Sul do Estado, em especial, no entorno das cidades de Criciúma e Tubarão, pela confecção expressiva de produtos oriundos do jeans e, atualmente, a região de Rio do Sul está se destacando como pólo confeccionista de jeans. Outros pólos confeccionistas estão se formando no entorno de Lajes e no Oeste catarinense.

No caso do pólo vestuarista, na região da grande Florianópolis, para auxiliar no alavancamento da estrutura industrial, buscou-se inserir na região um curso de

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

moda. A Associação das Indústrias do Vestuário do Aglomerado Urbano da Grande Florianópolis/ASSINVEST, no primeiro semestre de 1991, através de sua presidente, Ninita Daura Muniz, teve a iniciativa de procurar a UDESC, solicitando estudos no sentido de oferecer cursos de apoio para a formação de profissionais na área de moda que não fossem apenas cursos de curta duração e sim, um programa voltado para a formação, em nível superior, de profissionais capacitados para trabalhar nas empresas do pólo confeccionista. Nesta perspectiva, a instituição formaria os profissionais no ambiente acadêmico, próximo das realidades do ensino, pesquisa e extensão, com o compromisso de interagir com as organizações por meio da profissionalização da força de trabalho (MAKOWIECKY, 1993).

Com a implantação do pólo confeccionista da grande Florianópolis verificou-se a necessidade de profissionais para desenvolverem tarefas no processo produtivo, especialmente, nas etapas de criação e modelagem.

Apesar da Universidade aceitar a proposta, havia a falta de professores capacitados na área da moda para iniciar um curso superior. Há época, os cursos em nível superior na área de moda estavam localizados: 3 em São Paulo, 1 no Rio Grande do Sul, 1 no Ceará e 1 no Rio de Janeiro.

A UDESC não tinha recursos para implantar um curso de graduação e a alternativa, para dar uma resposta à comunidade que apresentava a demanda, na ocasião representada pela direção da ASSINVEST, foi a de oferecer um curso de pós-graduação, em nível de especialização *lato-sensu* que daria encaminhamento à questão sob dois aspectos: primeiro, capacitaria profissionais em atuação na área do vestuário que já possuíam outro curso de graduação, fora da área do vestuário, readaptando-os e atualizando-os para o exercício da profissão; segundo, não perdendo de vista a vontade política de implantar, mais adiante, o curso de graduação, este seria um modo de já deixar profissionais habilitados para exercer a função de professor de graduação, quando da sua implantação.

No entanto, para implantar um curso de especialização, havia a necessidade de ancorá-lo em um curso de graduação em área correlacionada. Partiu da Pró-Reitoria de Ensino da UDESC a idéia de ancorar o curso de especialização pós-graduação *lato sensu* em Moda, na habilitação Desenho do Curso de Licenciatura em Educação Artística, o que acabou sendo aprovado em todas as instâncias da Universidade.

O curso foi oferecido, inclusive com a presença de duas professoras francesas em seu corpo docente e, concretizando os prognósticos, alguns dos profissionais que concluíram este curso de Especialização vieram a ser professores da Graduação em Moda, quando implantada, ingresso que se deu através de concurso público. Essas contratações validaram os argumentos da presidente da ASSINVEST, Ninita Daura Muniz, ao procurar a UDESC para criar o Curso de Moda, de que a mulher florianopolitana tem uma tendência normal para criar moda, expressa pelo uso diferenciado de um acessório ou a reciclagem de uma peça do vestuário que saiu de moda, por exemplo. E as questões do respeito às demandas sociais e às vocações da economia regional foram políticas institucionais quando da criação da UDESC, em 1965, as quais permaneciam sendo seguidas pela gestão 1990-1994 da Universidade, período no qual se deram as primeiras negociações entre o setor da moda e a UDESC.

Assim, em 1996 a primeira turma iniciou o Curso de Bacharelado em Moda com Habilitação em Estilismo, implantado no Departamento de Moda vinculado ao Centro de Artes³ da UDESC. Várias alunas, que ingressaram por meio dos três primeiros vestibulares, associavam as disciplinas do curso à carreira de modelo ou ao *frisson* da moda. A partir da adoção da prova prática no vestibular vocacionado⁴ foi possível promover o fortalecimento do ingresso de alunos, mais direcionado à temática do curso.

Desta forma, o Curso de Bacharelado em Moda passou a capacitar profissionais na área da moda com enfoque, principalmente, no processo produtivo - criação, modelagem, corte, montagem e acabamento -, privilegiando as atividades do estilista como criador e conferindo-lhe, também, a oportunidade de organizar e participar dos desfiles de suas criações.

Os conteúdos que, atualmente, integram o curso, (ver Anexo 2 e tabela 1), possibilitam, em parte, ao aluno a compreensão de como irá inserir, em suas criações, as tendências de moda, em harmonia com a evolução da tecnologia, da estrutura produtiva e do público-alvo.

³ A história dos cursos superiores tem demonstrado que a Academia, na maioria das vezes, optou por alojar os cursos de moda, nos departamentos de artes, provavelmente porque até o início do século XX, o estudo do traje fosse tratado na história da arte (PIRES, 2002). No caso da UDESC, o Curso de Especialização (pós-graduação *lato sensu*) em Moda foi ancorado na habilitação Desenho do Curso de Licenciatura em Educação Artística.

⁴ Modelo de vestibular adotado pela UDESC desde 1994, sendo que o conteúdo das questões tem ênfase nos aspectos teóricos do curso e a abordagem de aspectos históricos e geográficos privilegia

Tomando-se como base o âmbito do ensino, as ementas das disciplinas, constantes da tabela 1, são direcionadas para estabelecerem uma relação com a tecnologia informatizada, mercado e as condições de ensino voltadas para a formação em nível superior. As disciplinas ministradas durante oito semestres buscam reproduzir, especialmente, as condições para elaborar coleções do vestuário que permeiam o processo produtivo de criação, modelagem, corte, costura e acabamento das peças – primeira etapa do processo produtivo da indústria do vestuário, conforme apontado no fluxograma (figura 1).

A tabela 1 demonstra que as disciplinas, Iniciação ao Sistema de Moda, Pesquisa e Criação de Moda, Oficina de Estilos, Desenho Artístico de Moda, Desenho de Observação, Desenho de Moda, Laboratório de Criatividade e Aviamentos, Tecnologia dos Têxteis, Desenho Têxtil I (Estamparia e Padronagem), Acessórios e Complementos de Moda, privilegiam diretamente o ensino do processo produtivo de criação e as disciplinas de Modelagem e Atelier Experimental de Confecção auxiliam, principalmente, as fases de Modelagem, Corte, Montagem e Acabamento e, indiretamente outras etapas.

Tabela 1 - Disciplinas que capacitam para o processo produtivo de criação

Disciplina	Carga Horária	Conteúdo
Desenho	495	Estudo e prática dos materiais expressivos e fatores representativos no desenho: cor, luz, e sombra, positivo e negativo, quente e frio claro-escuro, volume, textura, harmonias e contrastes; perspectiva; proporções; elementos básicos do croqui; memorização e percepção. Desenho de observação interpretação; interiores e exteriores, processo da visão; deformações; a luz e o cone ótico. Anatomia básica; proporções e partes do corpo humano; relação entre a figura de moda e a figura humana; estrutura óssea e muscular; movimentos; Representação gráfica de saia, blusa, calça, vestido, casaco, mangas e golas; movimento dos tecidos em godês, evasês, drapês, franzidos e pregas; textura dos fios, tecidos planos, malharia e tricôs; modelo vivo; aviamentos: botões, zíperes, fivelas, borlas, galões, sinhaninhas, pingentes, lantejoulas, ganchos, pespontos; sapatos, chapéus, bolsas, luvas, cintos, variações de golas, punhos, decotes, mangas e outros detalhes;

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

		plumas, flores, peles, bijuterias; costume para cinema, teatro, televisão e balé; pesquisa de materiais e técnicas; aspectos compositivos; estilos. Criação de figurinos de moda, trajes masculinos, femininos e infantis – cidade, sportswear, habillé, lingerie, activewear, praia. Estudo e criação de padrões têxteis; motivos de estamparia e jacquard. Sistema CAD/CAY, técnicas de desenho assistido por computador.
Iniciação ao Sistema de Moda	90	Tendências de moda: origens, processos evolutivos, funcionamento, fontes e métodos de pesquisa de temas, cores, formas e materiais. Reconhecimento e análise de obras de arte; elementos da composição plástica e sua influência na criação de moda.
Tecnologia dos têxteis	165	Diferentes tipos de tecidos, padronagens e estampas e o desempenho destes materiais em termos técnicos, estéticos e de conforto. Fibras e filamentos têxteis naturais, artificiais e sintéticos. Processos químicos de fabricação de fibras e processos de fiação. Processos de tecelagem, de malharia circular e retilínea. Padronagens e estamparias.
Laboratório de Criatividade	105	Desenvolvimento da percepção. Cores, formas e estilos. Estudo dos volumes em função das proporções. Verbalização e representação gráfica de idéias/moda. Personalização da moda. Pesquisa de material alternativo.
Modelagem	315	Modelagem masculina feminina e infantil. Moldes planos básicos de saias, calças, blusas, mangas e vestidos; camisas e calças Interpretação dos moldes básicos em telas. Moldes planos e graduação de variantes de saias e calças. Moldes planos de vestidos; tailleurs; paletós masculinos. Moulage de vestidos e tailleurs. Sistema CAD/CAY. Modelagem: plotagem dos tamanhos ampliados ou reduzidos; estudo de encaixe; plotagem de riscos.
Pesquisa e Criação de Moda	180	Pesquisa de moda: tipos e fontes de pesquisa, materiais e formas. Desenvolvimento de influências de moda com ambiência, cartela de cores, materiais, linhas, estilos, formas e segmento de mercado. Análise e síntese das tendências propostas em nível internacional. Adequação ao mercado nacional. Elaboração de painéis e caderno de tendências; cartela de cores. Amostras de materiais, texturas; indicação de temas, formas e estilos
Oficina de Estilos	45	Estilistas/criadores. Pesquisa de materiais alternativos. Formas. Estilo individual. Estilo na alta costura, produção individual e na ilustração de moda
Aviamentos, Acessórios e Complementos de Moda	60	Passamanaria, zíper, botões, fivelas, componentes metálicos, entretelas, rendas, bordados e etiquetas: estudo e aplicação. Linhas de costura: adequação e aplicação. Estilismo em: calçados, cintos, bolsa, meias, luvas, bijuterias

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Ateliê Experimental de Confecção	240	Execução de um protótipo de cada um dos elementos estudados na aula de modelagem I: montagem, pences, zíper, acabamento de saia, blusa, calça e vestido. Execução de um protótipo de camisas, calças, golas e mangas. Execução de uma coleção.
----------------------------------	-----	--

Fonte: Elaborada a partir da pesquisa, 2005.

O ensino de desenho, totalizando 495 horas/aula, é ministrado de 1ª a 8ª fase de forma convencional, por meio de aulas expositivas, com recursos audiovisuais, abordando os fundamentos teóricos e aulas práticas desenvolvidas pelos alunos em pranchetas, orientados pelos professores e com o uso de instrumentos de desenho: diferentes tipos de papéis como suportes; materiais de representação como lápis com grafite, lápis de cor, pincéis, giz pastel, giz de cera e tintas de variados tipos.

As competências, construídas nessa disciplina, destinam-se à criação, no processo produtivo do vestuário. Para tanto, os conteúdos distribuídos nas diversas fases tratam do estudo e prática dos materiais expressivos e fatores representativos do desenho; da representação gráfica do corpo humano – relação entre a figura de moda e a figura humana -- peças do vestuário; aviamentos, acessórios e complementos de moda; estamparia e padronagem têxtil.

Da mesma forma, a disciplina Ateliê Experimental de Confecção, ministrada da 5ª a 8ª fase, visa a construção de competências para atuar na etapa de criação e produção do vestuário. Com carga horária de 240 horas/aula, os conteúdos referem-se à execução de protótipos, elaborados com o uso de modelagem plana ou *moulage* e confecção de uma coleção de roupas, criada em outras disciplinas, evidenciando a interdisciplinaridade do método pedagógico, adotado pelo Curso de Moda.

As demais disciplinas (Anexo 2) de História da Moda, Sociologia da Moda, Psicologia da Moda, Antropologia da Arte, Folclore Brasileiro, Indumentária Brasileira, Metodologia Científica e Metodologia da Pesquisa estão direcionadas ao exercício da cidadania e dão suporte para o desenvolvimento dos fatores que envolvem o processo produtivo.

As disciplinas de Introdução à Administração, Marketing Têxtil e de

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

ambiente organizacional de controle administrativo para planejar, analisar e realizar os investimentos empresariais. As disciplinas de Produção de Moda, Comunicação de Moda e Expressão Visual da Moda (Anexo 2), estão voltadas para a comercialização da produção, capacitando o aluno, para apresentar as coleções aos consumidores, com o uso das diversas mídias. Atualmente, as coleções são apresentadas no “Desfile de Formandos”, realizado no Encontro de Moda – evento anual, previsto no Calendário Acadêmico do CEART da UDESC -- em parceria com a FIESC e SENAI.

Do exposto, verifica-se que o método pedagógico desenvolvido no Curso de Moda da UDESC possui caráter interdisciplinar e que a universidade procura incorporar as ações que possibilitam a reprodução das atividades empresariais, voltadas para a confecção do vestuário.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

CAPÍTULO III - MATERIAL E MÉTODO

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Para desenvolvimento do estudo foi utilizada a estratégia de Estudo de Caso, porque o problema – distorções no protótipo de produto do vestuário, em relação à representação gráfica -- é específico do Curso de Bacharelado em Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina, sendo percebido nas disciplinas Ateliê Experimental de Confeção I, II e III. A pesquisa é empírica e situa-se no campo das Ciências Humanas, uma vez que parte da observação da realidade e tem o indivíduo e o seu fazer como sujeito e objeto de estudo. Classifica-se como exploratória, de caráter qualitativo, com amostra intencional e análise bibliográfica e documental.

O método adotado foi o da observação sistemática direta, das competências essenciais à representação gráfica de produtos do vestuário e das técnicas e meios usados para confecção de protótipos, delimitando a produção gráfica dos alunos da 4ª fase do Curso de Moda, como campo investigado, controle por critérios definidos e o sujeito, no caso o aluno, tinha conhecimento que era objeto de estudo.

3.2 AMOSTRA

A amostra caracteriza-se como intencional, uma vez que o problema foi percebido na disciplina Ateliê Experimental de Confeção, do Curso de Moda, onde a distorção do protótipo em relação à representação gráfica foi percebida, sendo que o desenho foi elaborado na disciplina Desenho de Moda II, ou seja a disciplina que antecede a prática para confecção do protótipo, assim somente essa amostra pode fornecer os dados para análise. Foram selecionados 2 professoras e 45 alunos, da 4ª fase do Curso de Moda, da UDESC, especificamente da disciplina Desenho de Moda II, ministrada no segundo semestre de 2004, tendo carga horária de 3 h/a semanais, com abordagem de conteúdos teóricos e práticos, por duas professoras, sendo a turma dividida em 3 grupos de 15 alunos.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

3.3 JUSTIFICATIVA DA AMOSTRA

A escolha recaiu sobre esse grupo porque é constituído de alunos regularmente matriculados na 4ª fase do Curso de Moda. Fase esta, que antecede o desenvolvimento da disciplina Ateliê Experimental de Confecções I, ministrada por esta pesquisadora, na 5ª fase do Curso, momento em que foi observado o problema estudado: distorções do protótipo, desenvolvido no laboratório de confecções, em relação à representação gráfica.

É importante ressaltar que, nessa fase do Curso, o aluno já passou por três disciplinas de desenho: Desenho Artístico, Desenho de Observação e Desenho de Moda I, iniciando portanto, o Desenho de Moda II, e já passou pelo processo de aprendizagem da modelagem.

3. 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para desenvolvimento do estudo fez-se, inicialmente, o levantamento e definição dos aspectos significativos para os objetivos da pesquisa e a elaboração das prováveis hipóteses e as orientações a serem usadas na abordagem.

As fontes bibliográficas e documentais consultadas foram de diferentes formatos como livros, catálogos, revistas, periódicos, *sites*, resoluções e pesquisa do acervo da Biblioteca do Centro de Artes, além de fontes de acervos particulares.

No que se refere à pesquisa de campo, inicialmente, esta pesquisadora fez contanto verbal com as professoras, agendando uma reunião, na qual foram explanados os objetivos da pesquisa, os instrumentos e o método a serem utilizados para a coleta de dados. Posteriormente, abordou, de forma direta, os alunos da disciplina Desenho de Moda II, orientando-os sobre os objetivos do trabalho e demais questões relacionadas a ele e solicitando que participassem dos exercícios a serem propostos durante as aulas. Houve ainda a participação nas aulas, durante três meses. A coleta de dados foi realizada em dois momentos:

a) observação da prática de ensino de representação gráfica de produtos do vestuário, tendo como foco os seguintes aspectos: de que maneira estão sendo

ministradas as aulas; qual o material didático de apoio usado; da avaliação de um exercício feito em sala de aula, sem a interferência dessa pesquisadora;

b) proposição, pela pesquisadora, para que cada aluno elaborasse, a partir de suas criações, a representação gráfica de uma camisa social masculina, uma camisa feminina, um *corselet* – peça ajustada ao corpo, parecida com o espartilho – uma blusa frente única e um vestido longo. Para a execução do exercício foi informado que os protótipos, a serem desenvolvidos a partir dessa representação gráfica, seriam confeccionados em tecido plano, sem elasticidade, e permitido o uso do material de apoio: polígrafo, uma base - figura estilizada – e papel transparente.

Foram escolhidos 5 desenhos de cada aluno, sendo um de cada peça básica do vestuário ocidental, solicitado na pesquisa de campo.

Os critérios estabelecidos para análise foram divididos em critérios gerais e específicos e referem-se à viabilidade técnica do desenho, ou seja, a representação gráfica do produto que possibilita, ao setor de confecção, desenvolver um protótipo, em seu tamanho natural, a partir de um desenho pequeno, com especificações de medidas, de fechamentos e aberturas que são necessárias para roupas justas, a fim de facilitar o trabalho de vestí-las, como: *pattès*, punhos, carcelas, botões, zíperes. Pences e recortes para modelar a roupa ao corpo e funcionalidade, ou seja, largura o suficiente para os movimentos do corpo ou modelado, na exata medida, para ficar presa ao corpo.

Como critério geral foi definida a representação gráfica da parte da frente e costas da peça de roupa, uma vez que sua correta confecção está condicionada à interpretação do modelo desenhado. Esse critério era eliminatório, ou seja, o não atendimento impedia a avaliação subsequente.

O segundo critério adotado foi o da vestibilidade que atende as necessidades de: a) vestir, contendo as indicações de abertura (*patté*, decote, carcela) e de fechamento (botões, zíper); b) liberar os movimentos e articulações do corpo, com a indicação de fendas e amplitudes; e c) modelar a silhueta, com a indicação de pences ou recortes.

Nesse entendimento, cada modelo desenhado deveria atender os critérios conforme explicitado na tabela 2.

Tabela 2 – Critérios para avaliação de representações gráficas do vestuário

Representações gráficas	Critérios
Camisa social masculina	<ul style="list-style-type: none"> - representação gráfica de frente e costas - indicação de abertura – <i>patté</i>, punho com carcela e decote - indicação de fechamento – botões, zíper
Camisa modelada feminina	<ul style="list-style-type: none"> - representação gráfica de frente e costas - indicação de abertura – <i>patté</i>, punho com carcela e decote - indicação de fechamento – botões, zíper - indicação de peça modelada ao corpo – pences ou recortes
<i>Corselet</i>	<ul style="list-style-type: none"> - representação gráfica de frente e costas - indicação de abertura – <i>patté</i> e decote - indicação de fechamento – botões, zíper - indicação de peça modelada ao corpo – pences ou recortes
Blusa	<ul style="list-style-type: none"> - representação gráfica de frente e costas - indicação de abertura – <i>patté</i> e decote - indicação de fechamento – botões, zíper - indicação de peça modelada ao corpo – pences ou recortes
Vestido	<ul style="list-style-type: none"> - representação gráfica de frente e costas - indicação de abertura – <i>patté</i> e decote - indicação de fechamento – botões, zíper - indicação de peça modelada ao corpo – pences ou recortes - indicação de movimento – fendas ou amplitude

Fonte: Elaborada a partir da pesquisa, 2005.

Realizada a coleta de dados, foi elaborada a matriz referencial – confronto da produção dos alunos com o referencial teórico - para facilitar a análise e discussão dos resultados, a serem aplicados no problema objeto de estudo, buscando responder à pergunta de pesquisa.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

3.5 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A limitação da pesquisa se concentra em dois aspectos:

a) A primeira limitação é a escolha da estratégia de Estudo de Caso, que se atém à 4ª fase do Curso de Moda, portanto, os resultados obtidos não poderão ser estendidos fora do âmbito da pesquisa, como solução para o problema.

b) A segunda limitação diz respeito a endogenia, na medida em que a pesquisadora está imersa na realidade na qual vai interferir, o que pode ter determinado a presença de variáveis não controláveis, como as decorrentes de suas próprias vivências anteriores e de seu envolvimento emocional nas questões.

O capítulo a seguir aponta os resultados alcançados no estudo, promovendo a análise e discussão, com base no referencial teórico. Descreve a prática de ensino e as técnicas de representação gráfica de produtos do vestuário, desenvolvidas na 4ª fase do Curso de Moda e, os meios utilizados pelos alunos para confeccionar os protótipos de produtos do vestuário.

CAPÍTULO IV - RESULTADOS DA PESQUISA

ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA NA DISCIPLINA DE DESENHO DE MODA II

Objeto de investigação do presente estudo, a Disciplina Desenho de Moda II, com carga horária de 45 h/aula, tratou, em termos de conteúdo, no segundo semestre de 2004, dos movimentos da anatomia humana; da representação gráfica de: saia, blusa, calça, vestido, casaco, mangas e golas; da representação gráfica do movimentos dos tecidos em: godês, evasês, drapês, franzidos e pregas; da representação gráfica, da textura dos fios, tecidos planos, malharia e tricôs. Da pesquisa participaram 43 alunos, distribuídos em 3 turmas de 16, 15 e 12, em aulas ministradas por duas professoras, sendo duas turmas no horário de 20h00 às 22h15, nas segundas e quintas-feiras e uma turma das 15h20 às 18h00, também às quintas-feiras.

Quanto a observação da prática de ensino para representação gráfica de produtos do vestuário, primeiro aspecto a ser abordado na pesquisa de campo, os resultados demonstraram que as professoras trabalharam o conteúdo de acordo com o plano de ensino e, em consenso, o tipo e a quantidade de produtos a serem representados graficamente e a forma de apresentação final dos trabalhos para avaliação.

Cada professora desenvolveu seu método de ministrar as aulas, mas as duas trabalharam de forma convencional, em quadro de giz, com aulas expositivas dos fundamentos teóricos.

As aulas iniciaram com introdução à disciplina, apresentação do plano e aula teórica, abordando conceitos e aplicações da representação gráfica e alguns exercícios para estimular a capacidade de visualização dos alunos.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Logo após as orientações sobre a prática de representação gráfica de produtos do vestuário, as professoras abordaram as subdivisões das peças que compõem a parte superior do vestuário, como por exemplo: uma blusa, constitui-se de gola, mangas e cavas e depois, a parte inferior, saia e calça.

Como material de apoio, os alunos utilizaram uma espécie de polígrafo,⁵ de autoria da própria professora, contendo diversas representações gráficas de saias, blusas, golas, mangas, calças, vestidos, casacos e de um boneco, onde estavam determinadas as linhas dos ombros, cavas, busto, cintura, quadril e joelhos. Para reforço do polígrafo, antes de cada atividade, as professoras expuseram o conteúdo, através de desenhos no quadro, demonstrando o passo-a-passo e por que certos detalhes eram necessários, como: tipos de costura, recortes, costuras internas e pesponto.

As aulas práticas foram desenvolvidas, pelos alunos, em pranchetas e com instrumentos e materiais de desenho: papel, lápis, régua, lápis colorido e caneta. O desenho do boneco - figura estilizada construída com 8 cânones possuía marcações de linha do ombro, busto, cintura, quadril e joelho - servia como base, sob a qual era colocado um papel croqui, para facilitar o trabalho de representação gráfica do produto, (ver Figura 2).

No transcurso da disciplina, as professoras propuseram exercícios, para representar graficamente uma jaqueta e um blazer - já confeccionados e estendidos sobre a mesa - a partir da observação e do manuseio para melhor compreensão do formato e dos detalhes construtivos na sua forma. Para essa atividade foi liberada a consulta aos materiais de apoio.

A execução do exercício foi permeada por dúvidas, quanto ao tamanho e posição do caseado, transpasse para abotoamento, posição dos botões, aberturas, porém, não houve interferência dessa pesquisadora, uma vez que a observação estava focada nas duas categorias.

Percebeu-se que as professoras não exigiram o uso de medidas para o desenho -- tabelas de medidas do corpo humano usadas na modelagem para confecção -- apenas a figura do boneco, figura humana masculina, feminina e infantil

⁵ A elaboração de polígrafo se justificava pela ausência de publicações na área de desenho técnico do vestuário. Somente em 2004 -- fase final do estudo de campo deste trabalho -- foi editado o livro 'Desenho técnico de roupa feminina', das professoras Adriana Sampaio Leite e Marta Delgado Velloso, como resultado de suas pesquisas na Faculdade de Moda Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro.

com medidas de 8 cabeças, sem a preocupação com a modelagem. O resultado final apresentou representações gráficas de produtos com falhas, como: localização dos bolsos, largura das cavas, comprimento do braço, dificultando a construção da roupa, pois o desenho foi feito exatamente sobre o contorno do corpo, sem dar a folga para o movimento – essencial para uma modelagem correta -- que dependendo da roupa, exige maior ou menor amplitude.

No que se refere ao segundo tópico da abordagem de campo, exercício de representação gráfica de produtos do vestuário, foram produzidos 200 desenhos, em papel transparente, colocado sobre uma base - figura estilizada de um boneco (ver Figura 2), desenhado sem relação com tabela de medidas, tendo sido usado como referência de medida a cabeça, na proporção de oito cabeças para a altura do corpo.

A partir dos critérios para avaliação da representação gráfica de produtos do vestuário estabelecidos na tabela 2, o exercício apontou como resultado, os dados sintetizados na tabela 3.

Tabela 3– Avaliação da representação gráfica de produtos do vestuário

PRODUTO	QUANTIDADE DESENHOS	TECNICAMENTE VIÁVEIS⁶	TECNICAMENTE INVIÁVEIS
Camisa social masculina	43	8	35
Camisa modelada feminina	37	7	30
<i>Corselet</i>	40	10	30
Blusa – modelo frente única	39	7	32
Vestido longo	41	2	39
TOTAL	200	32	168

Fonte: Elaborada a partir da pesquisa, 2005.

Assim sendo, dos 200 desenhos elaborados pelos alunos, apenas em 32, que equivalem a 16%, a comunicação visual foi alcançada e apresentam viabilidade técnica para confecção do protótipo. Os demais, em número de 168, equivalente a

⁶ Por 'tecnicamente viável', entende-se a representação gráfica de produto que possibilita ao setor de

pdfMachine


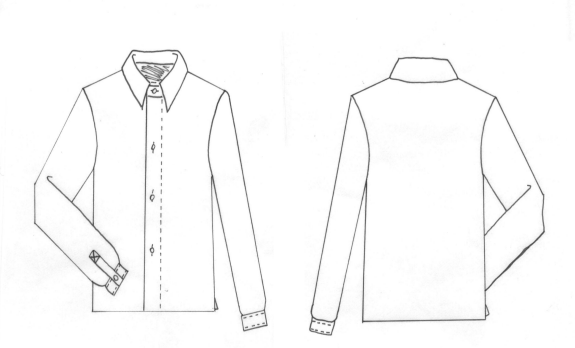
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

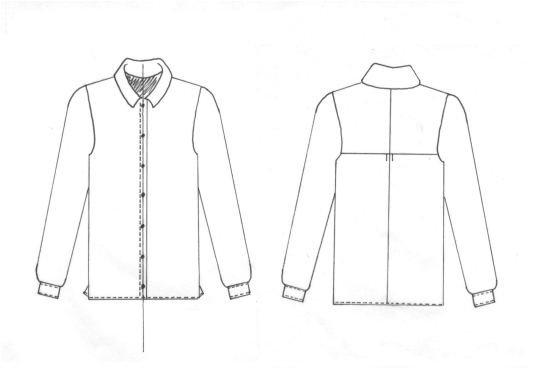
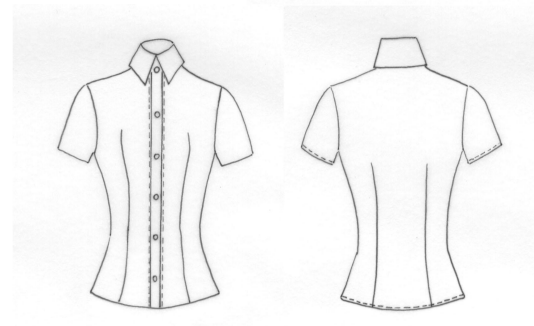
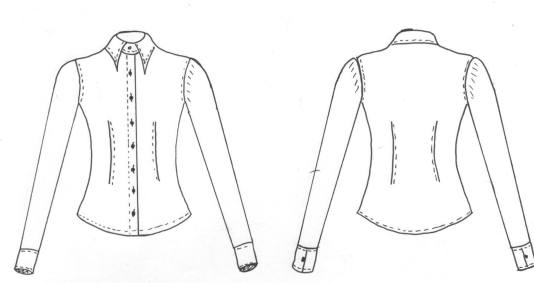
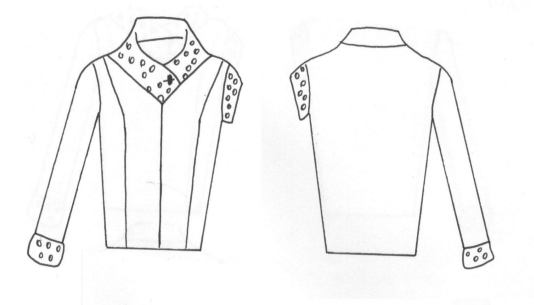
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

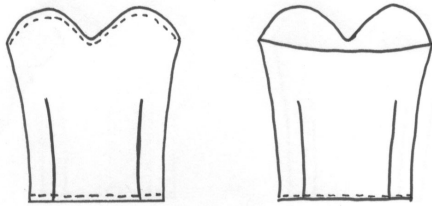
84%, possuem interpretações subjetivas o que impossibilita a confecção. O menor índice de viabilidade técnica ficou para o vestido longo (4%) e o *corselet*, peça que requer prática para sua execução, por possuir inúmeros recortes, ajustes e costuras, apresentou maior percentual de viabilidade técnica, 25%.

Para melhor compreensão de como foram aplicados os critérios de avaliação, (tabela 2), foi elaborada a matriz referencial, com apenas 15 desenhos, conforme está demonstrado na tabela 4. Dessa forma, entende-se que o mesmo procedimento foi adotado para análise dos 185 desenhos restantes.

Tabela 4 – Matriz Referencial

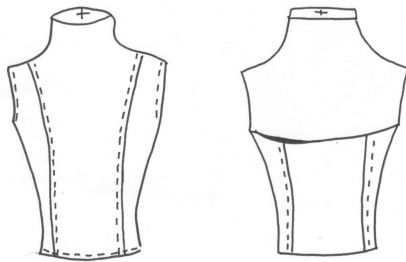
REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS DE PRODUTOS DO VESTUÁRIO – 4ª FASE	AVALIAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
 <p>Fonte: aluno 1, Turma 2004/2</p>	<p>Interpretação subjetiva da vista, ou <i>pattè</i>. Não tem indicação de abertura ou botões. Não apresenta abertura, carcela, no punho do desenho da frente, onde aparece a manga dobrada, levando a crer que são duas camisas e, não frente e costas de uma mesma. Impossível confeccionar para vestir</p>
 <p>Fonte: aluno 2, Turma 2004/2</p>	<p>No desenho das costas, a manga esquerda não tem carcela, abertura para vestir o braço. Impossível confeccionar para vestir</p>

 <p>Fonte: aluno 3, Turma 2004/2</p>	<p>O desenho não apresenta representação gráfica de carcela, abertura do punho, para vestir o braço, em nenhuma das mangas. Impossível confeccionar para vestir</p>
 <p>Fonte: aluno 4, Turma 2004/2</p>	<p>O desenho apresenta representação de pence, recorte para modelar a peça ao corpo, longa demais, ultrapassando o bico do seio. Deveria terminar no ponto mais alto do volume do seio. A <i>patté</i>, não indica de qual lado deve ficar a abertura. Impossível confeccionar para vestir</p>
 <p>Fonte: aluno 5, Turma 2004/2</p>	<p>A gola e os punhos não têm abertura, portanto, não há como vestir esta peça. Impossível confeccionar para vestir</p>
 <p>Fonte: aluno 6 , Turma 2004/2</p>	<p>A camisa possui uma representação de decote que se confunde com recorte, e não possui identificação nenhuma de abertura, como será usado tecido plano sem elasticidade, não é possível produzir para vestir.</p>



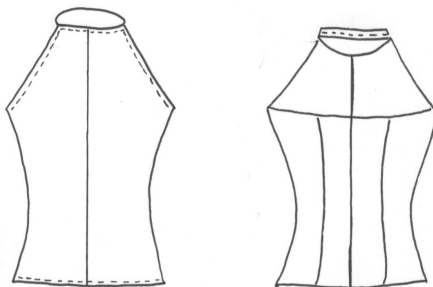
Fonte: aluno 7, Turma 2004/2

O desenho do corselet, está sem comunicação, não é possível nem identificar o modelo. Os traços usados confundem a imagem e não está representado nenhum tipo de abertura e fechamento para vestir



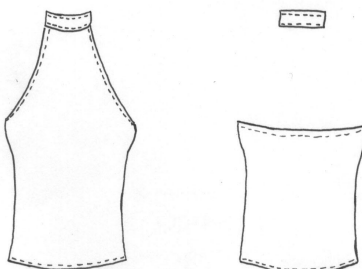
Fonte: aluno 8, Turma 2004/2

O desenho do corselet, está sem comunicação, não é possível nem identificar o modelo. Os traços usados confundem a imagem e não está representado nenhum tipo de abertura e fechamento para vestir
Impossível confeccionar para vestir



Fonte: aluno 9, Turma 2004/2

O desenho do corselet, está sem comunicação, não é possível nem identificar o modelo. Os traços usados confundem a imagem e não está representado nenhum tipo de abertura e fechamento para vestir.
Impossível confeccionar para vestir



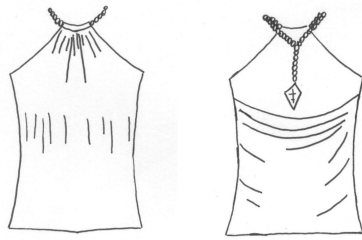
Fonte: aluno 10, Turma 2004/2

O desenho mostra volume no busto, não mostrando graficamente pences, isto seria correto se o molde fosse construído para malha. Nas costas não está representada a parte interna do modelo. No decote não mostra nenhuma abertura ou botões de fechamento.
Impossível confeccionar para vestir

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

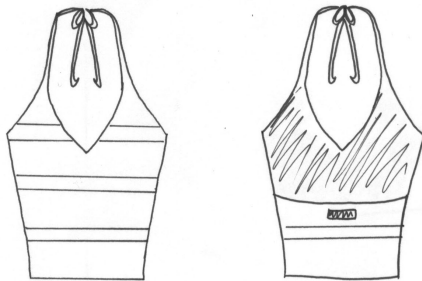
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!



Fonte: aluno 11, Turma 2004/2

A blusa não apresenta nenhuma representação de abertura e possui um traço que é impossível identificar: Na frente possui uma representação de volume na vertical e nas costas na horizontal. As laterais das costas possuem uma diferença que não pode existir neste modelo, não apresenta nenhum tipo de acabamento, como bainha.

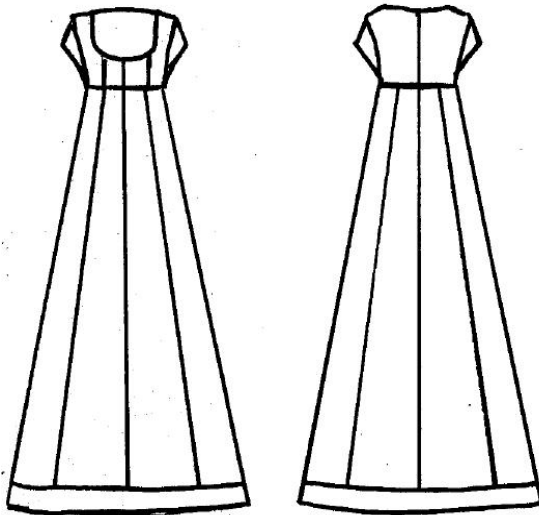
Impossível confeccionar para vestir



Fonte: aluno 12, Turma 2004/2

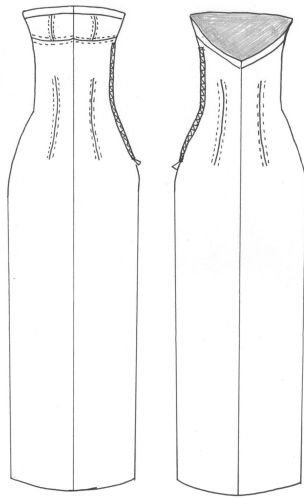
A blusa é impossível de produzir, por não possuir nenhum tipo de abertura, e possuir as laterais com diferentes tamanhos. Não tem representação de pences para modelar ao corpo.

Impossível confeccionar para vestir



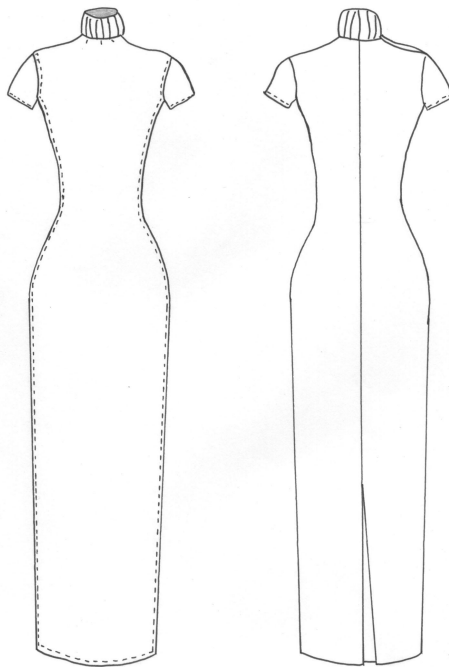
Fonte: aluno 13, Turma 2004/2

O desenho do vestido não apresenta representação gráfica de decote, na frente. O que o desenho indica pode ser um recorte do modelo. Também não tem identificação de acabamento. Impossível confeccionar para vestir



O desenho do vestido não apresenta abertura suficiente para vestir, pois a indicação de um zíper, colocado na lateral não ultrapassa o volume do seio, nem do quadril. A saia justa não apresenta fenda, ou outro recurso, para liberar o movimento das pernas, ao caminhar.

Fonte: aluno 14, Turma 2004/2



O desenho do vestido não apresenta nenhum tipo de fechamento ou abertura para vestir, nem recortes para modelar ao corpo. Impossível confeccionar para vestir.

Fonte: aluno 15, Turma 2004/2

Isto posto, pode-se inferir que a representação gráfica de produtos, ministrada na disciplina Desenho de Moda II, não adota regras e normas de execução e de padronização, a começar pelas medidas, que não são proporcionais, ou seja, não mantém relação com as medidas do objeto real, nem as relações entre as próprias

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

medidas, entre si, apenas uma relação com cânones da figura humana, para a produção do desenho do boneco. Essa relação é relevante para a produção do objeto tridimensional, no caso específico, o protótipo do modelo.

4.2 DESENVOLVIMENTO DE PROTÓTIPOS DE PRODUTOS DO VESTUÁRIO

A análise documental demonstrou que os protótipos de peças do vestuário, no Curso de Moda, habilitação em Estilismo, da UDESC são confeccionados no Laboratório de Confeccções, na disciplina Ateliê Experimental de Confeccção I, II e III, a partir da 5ª fase, onde esta pesquisadora é a professora.

Para confeccionar o protótipo, o aluno dispõe de moldes planos de saias, calças e blusas, elaborados na disciplina Modelagem I, II e III, na 3ª fase do mesmo curso.

Assim, se a disciplina Desenho de Moda II, que aborda o movimento na anatomia humana e a representação gráfica de saias, calças e blusas, é ministrada somente na 4ª fase, o aluno desenvolve a modelagem de forma aleatória, sem ter um desenho como base.

O que se quer dizer é que o aluno apresenta o desenho técnico e a modelagem para confecção do protótipo, porém, não foi aquele desenho que deu origem à modelagem; ele não tem comprometimento com o processo interdisciplinar, pois as disciplinas de desenho que antecedem a Modelagem I têm como conteúdo o estudo da perspectiva e anatomia básica.

Retomando Bertaso (1997, p.104), para elucidar “o desenho técnico é o elo de ligação direta entre a criação/estilista e a produção/modelista. Em assim sendo, se a representação gráfica é tecnicamente inviável, ou diversa da modelagem, o protótipo apresentará forma totalmente diversa da modelagem e muito distante do que foi criado inicialmente. A falta de competência do aluno, para o aprendizado da Modelagem na 3ª fase, evidencia a ausência de interdisciplinaridade na Disciplina Desenho de Moda.

Em conseqüência disso, e como o aluno precisa desenvolver o protótipo para receber aprovação nessa fase do curso, ocorrem duas situações: a) a professora de Ateliê orienta e ajuda o aluno a refazer o desenho e a corrigir a modelagem; b) o aluno usa uma modelagem diversa e apresenta um produto, não aquele que criou o

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

modelou em fases anteriores, mas um outro, aleatório - à professora, que se vê obrigada a aceitar o trabalho e considerar o aluno aprovado na disciplina, porque os seus critérios de avaliação se atêm, somente, às competências específicas da disciplina.

Levando-se em conta os resultados apresentados na tabela 3, pode-se inferir o atraso que isso acarreta no desenvolvimento do conteúdo da disciplina Ateliê Experimental de Confeções e *grosso modo*, pode-se afirmar que não fecha um ciclo de aprendizagem para o aluno.

Do exposto, percebe-se que a universidade procura incorporar as ações direcionadas à reprodução das atividades empresariais, voltadas para a confecção do vestuário, mas não acompanha a velocidade das mudanças que envolvem os negócios de moda. Assim, apenas em parte, os alunos passam pelo processo de ensino e aprendizagem das disciplinas, para elaborar, na prática, as coleções do vestuário no oitavo semestre, até mesmo porque a grade curricular não contempla o estágio profissionalizante.

Desta maneira, pode-se dizer que, enquanto a instituição privilegia o estudo focado nos princípios teóricos, é na empresa que o aluno terá a oportunidade de experimentar a realidade prática das funções que envolvem o processo produtivo do vestuário.

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 CONSIDERAÇÕES

Até bem pouco tempo as pessoas iam à costureira para ‘fazer uma roupa’, o que já não ocorre tão freqüentemente nos dias atuais. A maioria das roupas têm sido compradas prontas e a expressão “fazer roupas” foi substituída, no âmbito profissional, por ‘desenvolvimento de produto’. A confecção, ou a costura, passou a ser apenas uma parte do processo de elaboração da roupa. Criou-se todo um aparato tecnológico para realizar a atividade de ‘fazer uma roupa’ que engloba várias etapas – e outras tantas competências -- dentre elas a criação, que tem como produto final a representação gráfica dessa roupa.

Crescer sempre traz alguns desconfortos que, depois de adaptados, tornam-se boas soluções. Assim é no mundo da criação e da produção de bens e serviços e dele não escapa a roupa, no universo da moda.

Houve época em que a moda era produto da criação intuitiva de talentos naturais, mas a exemplo de outras áreas produtivas, passou a exigir a qualificação de profissionais, em todos os setores da extensa cadeia. Isso fez crescer o número de cursos, tanto em nível técnico, quanto em nível superior, e a moda entrou para a academia, onde alunos e professores passaram a discutir esse fenômeno que gera comportamentos, muda hábitos e cria outros tantos.

No entanto, estruturado a partir do ensino das artes, e tratado durante muito tempo de maneira informal, o ensino da moda reluta em se adaptar à tantas normas e exigências como as outras áreas. Daí a necessidade de se estimular as pesquisas na área de moda, dentre as quais, este estudo é um exemplo. Ele mostrou que a representação gráfica de produtos do vestuário desenvolvida pelos alunos do Curso de Moda da UDESC não é adequada à execução de protótipos. Falta-lhe, provavelmente, normas e padronização.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Quanto à estruturação curricular do Curso, da forma como se apresenta, oferece dificuldades ao aluno para preparar as representações mentais do protótipo e construir os gráficos bidimensionais, para então desenvolver o modelo elaborado, sem que ocorra qualquer possibilidade de interpretações divergentes ou mesmo sem que ocorram dúvidas na elaboração do protótipo.

No que se refere às competências, através da análise bibliográfica, pode-se constatar que não existe uma padronização ou normalização para representar graficamente os produtos de vestuário, no Brasil. Os diversos autores pesquisados abordam o assunto, propõem tipos de desenhos para representar modelos de roupas e aviamentos, porém as propostas não têm o rigor do desenho técnico, apresentado em outras áreas, como na arquitetura e nas engenharias, por exemplo.

As publicações sobre o desenho técnico de roupa são recentes e, os professores de desenho do Curso de Moda da UDESC, não possuindo uma obra de referência sobre o assunto, elaboram polígrafos, com os conteúdos extraídos de obras diversas e os adaptam para a moda.

Alguns símbolos encontrados nas fontes consultadas e usados no contexto da produção do vestuário, como os tipos de linhas, são conhecidas e pertencem ao senso comum, no caso da linha grossa contínua, por exemplo que indica “arestas e contornos visíveis”. Outras, no entanto, precisam ser reavaliadas por que podem confrontar com as convenções de algumas áreas, como é o caso da linha interrompida ou tracejada regular, usada como indicativo de transparência, enquanto para o setor do vestuário é identificada como pesponto ou costura aparente ou sobreposta. Por outro lado, a ABNT não estabelece nenhum padrão de linha para identificar a atividade de costura.

A análise documental demonstrou que a grade curricular do Curso de Moda não contempla o desenho técnico como disciplina e, também, não está inserido, com esta nomenclatura, nas ementas das oito disciplinas de desenho do Curso. Foi observado que a expressão ‘representação gráfica’ aparece nas disciplinas Desenho de Moda II, III e VII e, como o termo ‘representação gráfica’ é genérico, estende-se a qualquer tipo de manifestação grafada, quer seja artística, geométrica ou técnica. Além do mais, não há um comprometimento entre as disciplinas para padronizar a representação gráfica de produtos do vestuário, ou abordá-la como desenho técnico, assim como não está explícita a obrigatoriedade da normalização em nenhuma das

Por outro lado, apesar de estar claro, quando do surgimento do Curso de Moda da UDESC a necessidade de suprimento empresarial de mão-de-obra, para as etapas de criação e modelagem, desde sua implantação, o foco centrou-se na criação de artigos para o vestuário. Percebe-se que parte do Curso de Moda procura reproduzir o ambiente empresarial, no entanto, as disciplinas não seguem uma ordem cronológica clara que facilite ao aluno o aprendizado dos processos de criação, modelagem, corte, montagem e acabamento das peças do vestuário.

O conteúdo das disciplinas, da atual estrutura curricular, permite a formação para o trabalho, por meio das competências que envolvem o chão-de-fábrica, enquanto as matérias ligadas à área de ciências humanas formam o cidadão. Porém, algumas disciplinas, como o Desenho de Moda II e Modelagem I, apesar de tratarem das competências relativas ao setor produtivo, são inadequadas para a fase em que se encontram, o que não possibilita, ao aluno, um aprendizado gradativo e crescente, para aplicar na disciplina Ateliê Experimental de Confecções.

A disciplina Modelagem I, que inicia na 3ª fase, exige competências preparatórias para o seu entendimento. Assim, a 2ª fase requer a inserção de uma disciplina que aborde o corte e montagem das peças do vestuário, para trabalhar os diversos tipos de costura e bitolas de máquinas de costura, utilização de aparelhos e acessórios para costura e revisão e classificação de defeitos.

No que se refere às técnicas, repassadas aos alunos, para representar graficamente os produtos do vestuário, abordadas na disciplina de Desenho de Moda, será necessário a inclusão do desenho técnico -- do vestuário, de aviamentos e de acessórios de moda – cujas competências deverão ser tratadas, na 2ª e 3ª fases, especialmente, as questões que envolvem geometria básica, regras e normas de execução para atender à lógica da moda e, padronização no método de representação gráfica, de modo a permitir a interpretação adequada do produto criado e a confecção do protótipo.

Quanto aos meios utilizados pelos alunos, para confeccionar os protótipos de produtos do vestuário, a ausência de interdisciplinaridade no desenho e modelagem, demonstra que o meio que o aluno dispõe para executar o protótipo – o molde – não é adequado, porque não é resultante da competência do desenho; é apenas fruto da modelagem, ou seja, o aluno fez a modelagem sem ter um desenho como base.

Para organizar os conteúdos ministrados no Curso de Moda da UDESC, conforme o roteiro do processo produtivo das empresas, algumas matérias precisam ser remanejadas, como é o caso da disciplina de Aviamentos, Acessórios e Complementos de Moda, cujo conteúdo teórico pode ser integrado à disciplina de Desenho de Moda e a parte prática, à disciplina de Atelier Experimental de Confecção.

Assim, na 9ª fase, o aluno terá passado por todas as fases do processo de ensino e aprendizagem e poderá aplicar seus conhecimentos no ambiente empresarial. Contudo, deverá se dar ainda na forma de estágio profissionalizante, acompanhado por um professor, que irá orientá-lo em seu contato com a empresa, cuja escolha deve ser criteriosa e em função do conhecimento, das competências habilidades e atitudes já desenvolvidas.

Do exposto, ficam validadas as premissas que deram sustentação à problemática: as competências essenciais à representação gráfica de produtos não são tratadas como parte de um sistema, no âmbito da capacitação, para atender à lógica da moda. E, que, a ausência de padronização no método de representação gráfica, abordado nas disciplinas do Curso de Moda da UDESC, induz à representações diversas dos objetos de formas semelhantes e impede a reprodução adequada dos protótipos.

De outra forma, considera-se que, somente a partir da harmonia e padronização entre os distintos conhecimentos trabalhados nas disciplinas do currículo, o aluno terá condições de desempenhar suas atividades -- no mundo do trabalho e enquanto cidadão que passou por uma academia -- na busca de soluções, para o resultado de seu trabalho e daquele das pessoas que estão envolvidas no processo como um todo, pois se trata de um processo em cadeia, onde cada etapa é fundamental para o resultado final.

5.2 SUGESTÕES

Considera-se oportuno, um movimento do setor da moda, no sentido da padronização de traços, ícones e medidas, a ser definida por órgãos como o INMETRO e a ABNT e um maior intercâmbio entre os cursos superiores de moda no País para, entre outros assuntos, mobilizar as Editoras, no sentido de viabilizarem maior número de publicações na área de moda.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

A título de sugestões para futuras pesquisas, recomenda-se a investigação de como se desenvolvem as disciplinas de Desenho de Moda III e V e as disciplinas de Aviamentos, Acessórios e Complementos de Moda I e II, buscando a integração de conteúdos, principalmente em relação à representação gráfica.

Por último, recomenda-se a reformulação, em caráter de urgência, da atual grade curricular do Curso de Moda, com vistas a adequar-se a uma atividade que se desenvolve em cadeia, bem como à nova realidade do mercado brasileiro, que demanda produtividade, onde as necessidades dos consumidores, criadas pelos produtos, devem ser satisfeitas.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, G. P. **Manual da gerência de Confecção: a indústria de confecções de estrutura elementar**. Rio de Janeiro: SENAI-DN: SENAI – CETIQT: CNPq: IBICT: PADCT: TIB, 1990, v. I e II.

ALVES, H. **Lições de Modelagem industrial. Malharia – adulto. Método geométrico para confecções**. São Paulo: Escola de Moda Profissional, 2004.

ANDRADE FILHO, J. F. de. **Introdução à tecnologia têxtil**. Rio de Janeiro: CETIQT/SENAI, 1987.

ARAÚJO, Mário. **Tecnologia do Vestuário**. Lisboa Fundação :Calouste Gulbenkian, 1996.

BAXTER, M. **Projeto de produto: guia prático para o desenvolvimento de novos produtos**. São Paulo:Edgard Blücher, 1998.

BERNI, L. E. V. A questão das competências e o ensino. **Momento do Professor**, São Paulo, ano 1, n. 5, primavera de 2004, p. 8-13.

BERTASO, H. de A. **Projeto Marketing & Design de Moda**. Porto Alegre. CFP SENAI de Artes Gráficas, 1997.

CALDAS, D. **Universo da Moda: curso on line**. São Paulo:Anhembi Morumbi, 1999.

CASTRO, E. M. **Introdução ao desenho têxtil**. Lisboa: Presença, 1981.

CATELLANI, R. M. **Moda Ilustrada de A a Z**. Barueri, SP: Manole, 2003.

CHATAIGNIER, G. **Todos os caminhos da moda: guia prático de estilismo e tecnologia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

CUNHA, L. V. da. **Desenho técnico**. 4 ed. Lisboa :Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

DORFLES, G. **Introdução ao desenho industrial**. Lisboa : Edições 70. 1972, Tradução Carlos Aboim de Brito .

DRUDI, E. & PACI, T. **Figure drawing for fashion design**. Amstredam: The Pepin Press, 2001.

DU ROSSELE, Bruno. **La Mode**. Paris : Imprimerie Nationale, 1980.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

- DURAND, J. C. **Moda, luxo e economia**. São Paulo : Babel Cultural, 1988.
- ECO, Umberto et al. **Psicologia do Vestir**. Lisboa: Assirio Alvim, 1989.
- EMBRACHER, A. **Moda e identidade**: a construção de um estilo próprio. São Paulo: Anhembi Morumbi, 1999.
- ESTEPHANIO, C. **Desenho Técnico: uma linguagem básica**. 2 ed. Rio de Janeiro: C. Estephano, 1994.
- FEGHALI, M. K. & Dwyer, D. **As engrenagens da moda**. Rio de Janeiro: SENAC, 2001.
- FRENCH, T. E. **Desenho Técnico**. 17. ed. Porto Alegre: Globo, 1977.
- FULCO, P. de T. & SILVA, R. L. de A. **Modelagem plana masculina**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2003.
- GOMES, L. V. N.. **Desenhismo**. Santa Maria: Editora UFSM, 1996.
- GOULARTI FILHO, A. & JENOVEVA NETO. **A indústria do vestuário – economia, estética e tecnologia**. Florianópolis: Obra Jurídica. 1997.
- LAVAR, James. **A Roupas e a Moda: Uma História Concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LEITE, A. S. & VELLOSO, M. D. **Desenho técnico de roupa feminina**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2004.
- MANDEL, R. **Desenho de Moda**. Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1985.
- MAKOWIECKY, M.H.P. **Histórico do Pólo do Vestuário em Florianópolis**. 1993. 198 p. Monografia (Especialização em Desenho Industrial: Estilismo e modelagem) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.
- NERY, M. L. **A evolução da indumentária**: subsídios para criação de figurino. Rio de Janeiro : Senac Nacional, 2003.
- NOGUEIRA, N. R. **Pedagogia dos projetos**: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. São Paulo : Érica, 2001.
- PERAZZO, L. F. e VALENÇA, M. **Elementos da Forma**. Rio de Janeiro: SENAC DN 1997.
- PICKEN, Mary Brooks. **Livro da Costura Singer**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.
- PINHEIRO, A. C. da F.B. & BURINI, E.R.V. O ensino por competências como metodologia didática para o aprendizado baseado em problemas. **Momento do Professor**. São Paulo. ano 1. n. 5. primavera de 2004. p.28-37.

PIRES, D. B. A história dos cursos de design de moda no Brasil. **NEXOS**. São Paulo, ano VI, n. 9, 2º semestre 2002, p. 79-93.

PROST, A. Fronteiras e espaços do privado. In: PROS, A. & VINCENT, G. **História da Vida Privada**. São Paulo : Cia das Letras, 1995, v.5.

PULS, Lourdes Maria. **Testanto uma estratégia para a aprendizagem do desenho de moda**. Florianópolis, 2003. Dissertação. (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC.

RIGUEIRAL, C. **Design & Moda – como agregar valor e diferenciar sua confecção**. São Paulo : Fórum de Competitividade.2002.

SEVCENKO, N. **A corrida para o século XXI**. São Paulo : Companhia das Letras, 2001.

SCHMITT, A. et al. **Desenho técnico fundamental**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1977.

SPECK, H. J. **Manual básico de desenho técnico**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1997.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das Roupas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TREPTOW, D. **Inventando Moda: planejamento de coleção**. Brusque: D. Treptow, 2003.

TRINDADE, B. **Ambiente híbrido para aprendizagem dos fundamentos de desenho técnico para as engenharias**. 2002. Tese (Doutorado em Gestão do Design de Produto. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2002.

VINCENT-RICARD, F. **As espirais da moda**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

WEBSTER, M. R. **Tear pente-liço: técnicas e possibilidades**. Porto Alegre : Pallotti. 1997. 96p. il. (Cadernos têxteis, n.1).

WILSON, E. **Enfeitada de Sonhos, Moda e Modernidade**. Trad. Maria João Freire. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

JORNAL O ESTADO. Florianópolis, 1947-1960

RESOLUÇÃO 034/95 – CONSEPE/UDESC. 1995

Revista Burda K 694. **A costura tornada fácil**. Slovenia: Verlag Aenne Burda GmbH & Co, 2002.

ANEXO 1 – FICHA TÉCNICA

Esse documento tem como objetivo informar os dados peculiares do produto, que são o desenho técnico e as informações sobre a matéria-prima e o modo de produção. A ficha técnica deve conter toda a memória descritiva do produto.

Cada empresa desenvolve a ficha de acordo com seus interesses. Os critérios são estabelecidos de acordo com o tipo de produto e a organização de sua produção.

A formatação de uma ficha técnica é flexível, não há uma regra geral. No entanto, para que ela seja completa, recomenda-se que ela contenha:

- 1 – Cabeçalho** referindo o nome da empresa, a coleção, o nome da peça, sua referência, a data, uma breve descrição e tudo que for pertinente à denominação do produto.
- 2 – Desenho técnico do modelo**, de frente, de costas, se necessário, de lateral.
- 3 – Dados dos materiais utilizados**, que podem ser divididos em principais e secundários; aviamentos e materiais de adorno em geral. Devem ser assim descritos: nome do material e/ou código, composição, especificação de tamanho (no caso do tecido, a largura; e de outros produtos como botão e fecho eclair, a numeração), gasto, cor, fabricante, fornecedor, preço por unidade.
- 4 – Etiquetas** devem trazer obrigatoriamente as seguintes informações:
 - Nome fantasia e marca registrada ou razão social (por extenso).
 - Tratamento e cuidados de conservação, por texto ou símbolo.
 - Indicação do tamanho da peça, por número ou letra.
 - Os dados de composição do tecido, com nome das fibras e o percentual de incidência, em ordem decrescente.
 - Cadastro da pessoa jurídica (CNPJ) da empresa e país de origem.
- 5 – Beneficiamento**, quando o produto passa por algum processo de transformação que não faça parte da confecção em si, como tingimento, estamparia, bordado ou lavagem.
- 6 – Grade de tamanho**, quadro com os tamanhos e o número de peças que serão produzidos.
- 7 – Seqüência de montagem da peça**, ordem em que a peça é costurada.
- 8 – Seqüência operacional**, informa sobre a operação que vai ser feita e o tipo de ferramenta que será utilizada.
- 9 – Minutagem**, medição de tempo (minutos) gasto em cada operação.
- 10 – Modelagem planejada**, todas as peças do molde desenhadas separadamente.
- 11 – Descrição da peça**.

Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

FICHA TÉCNICA		MATERIA PRIMA PRINCIPAL 3							
		NOME/CODIGO	COMPOSICAO	COR	GASTO	FABRICANTE	FORNECEDOR	LARGURA/N°	PRECO
NOME DA EMPRESA									
COLEÇÃO: 1 MODELO: 1 ANO: REF: <th colspan="8">MATERIA PRIMA SECUNDÁRIA (FORRO, AVIAMENTOS...)</th>		MATERIA PRIMA SECUNDÁRIA (FORRO, AVIAMENTOS...)							
		NOME/CODIGO	COMPOSICAO	COR	GASTO	FABRICANTE	FORNECEDOR	LARGURA/N°	PRECO
DESCRIÇÃO DA PEÇA:		FRENTE: 2				DETALHE:			
ETIQUETAS									
TIPO 4 LOCALIZAÇÃO									
BENEFICIAMENTO 5									

Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

<p>FICHA TÉCNICA</p> <p>NOME DA EMPRESA</p> <p>COLEÇÃO:</p> <p>MODELO:</p> <p>ANO:</p> <p>REF:</p>	SEQUÊNCIA DE MONTAGEM DA PEÇA	SEQUÊNCIA OPERACIONAL	MIN																																																																															
	1	1																																																																																
	2	2																																																																																
	3	3	8																																																																															
	4	4																																																																																
	5	5																																																																																
	6	6																																																																																
	7	7																																																																																
	8	8																																																																																
	9	9																																																																																
	10	10																																																																																
	11	11																																																																																
12	12																																																																																	
<p>DESCRIÇÃO DA PEÇA:</p> <p style="text-align: center;">11</p>	<p>MODELAGEM PLANIFICADA</p> <p style="text-align: center;">10</p>																																																																																	
<p>GRADE DE TAMANHO</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>COR/TECIDO</th> <th>PP</th> <th>P</th> <th>M</th> <th>M</th> <th>G</th> <th>G</th> <th>GG</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td rowspan="10">6</td> <td>36</td> <td>38</td> <td>40</td> <td>42</td> <td>44</td> <td>46</td> <td>48</td> </tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </tbody> </table> <p>TOTAL:</p> <p>TOTAL GERAL:</p> <p>OBSERVAÇÕES:</p>	COR/TECIDO	PP	P	M	M	G	G	GG	6	36	38	40	42	44	46	48																																																																		
COR/TECIDO	PP	P	M	M	G	G	GG																																																																											
6	36	38	40	42	44	46	48																																																																											

Fonte: LEITE & VELLOSO, 2004

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

ANEXO 2 - EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS DO CURSO

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!